

INTRODUÇÃO

Este trabalho justifica-se para esse grau de ensino porque as escolas de Ensino Médio costumam utilizar a poesia de forma inadequada visando explorar fatos gramaticais ou História da Literatura, considerando que os DCNEM e PCN, exigem que a escola trabalhe textos regionais, integrando os eixos de Gramática e Literatura, especialmente no Ensino Médio, a partir de textos práticos de autores regionais. Propõe-se o estudo do texto poético de Ruy Barata nas aulas de Língua Portuguesa e de Literatura, pois além de atender os PCN cumpre também seu papel de análise de fatos na Língua Portuguesa no Estado do Pará e, conseqüentemente, em Itaituba, atendendo ainda às exigências da Lei 93/94/96 de Diretrizes e Bases da Educação. Por isso, objetivou-se, através deste, apresentar uma monografia sobre o ensino- aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio, com base nas poesias de Ruy Barata, e através das mesmas, revisando a Literatura do poeta, comparando suas poesias com os estilos literários, explorando os temas utilizados por ele, com outros compositores, analisando as características em suas poesias, com sugestões de como trabalhar essas poesias e composições no Ensino Médio.

As estratégias utilizadas neste projeto possuem natureza mista quantitativas e qualitativas, através de um questionário fechado com alunos sobre a obra de Ruy e entrevista com professores do Ensino Médio, terá ainda como público alvo os alunos e professores do Ensino Médio, bem como acadêmicos do Curso de Letras. Para a elaboração deste trabalho foi necessário o uso de livros didáticos, apostilas, textos da internet, pesquisa de campo e questionário aberto aos professores da área de Língua Portuguesa e de Literatura. Neste estudo, recomenda-se a análise da poesia paraense de Ruy Barata a ser utilizada nas aulas de Metodologia e Prática do Ensino de Língua Portuguesa, a qual contribuirá para construir um conjunto de estratégias para ensinar Literatura, além de incluir no elenco de leituras didáticas as poesias de Barata.

O estudo está dividido em quatro capítulos: o primeiro trata do Contexto do Ensino de Literatura do Ensino Médio na Literatura Brasileira; o segundo apresenta

a vida e obra de Ruy Barata por seus amigos e por ele mesmo na Literatura Acadêmica; o terceiro sugere a poesia de Ruy Barata como Metodologia de Ensino de Literatura no Ensino Médio; e o quarto é a proposta do Ensino de Literatura no Ensino Médio com as poesias de Ruy Barata.

1. CONTEXTO DO ENSINO DE LITERATURA DO ENSINO MÉDIO NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

1.1 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO.

A consolidação do Estado democrático, as novas tecnologias e as mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos exigem que a escola possibilite aos alunos integrarem-se ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho. Partindo de princípios definidos na LDB, o Ministério da Educação, num trabalho conjunto com educadores de todo o País, chegou a um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção de nossos jovens na vida adulta. Tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitando a compartimentalização, explorando texto através da interdisciplinaridade e incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender.

Utilizamos a abordagem cognitivista dos PCNEM que apresenta uma síntese das teorias desenvolvidas, nas últimas décadas, sobre o processo de construção do ensino-aprendizagem de língua materna e o papel que ela ocupa. A novidade está em antever a disciplina, no eixo interdisciplinar: o estudo da língua materna, apontando para uma reflexão sobre o uso da língua na vida e na escola.

A disciplina na LDB nº 5.692/71 vinha dicotomizada em Língua e Literatura, com ênfase na Literatura Brasileira. A divisão repercutiu na organização curricular: a separação entre gramática, estudos literários e redação. Os livros didáticos, em geral, e mesmo os vestibulares reproduziram o modelo de divisão. Muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há até mesmo duas específicas: Leitura e Literatura, Estudos Gramaticais e Produção de Textos, como se não tivessem relação entre si.

A perspectiva dos estudos gramaticais na escola, até hoje, centra-se em grande parte, no entendimento da nomenclatura gramatical como eixo principal, em que descrição e norma se confundem na análise, deslocada do uso, da função e do texto.

O estudo gramatical aparece nos planos curriculares de português, desde as séries iniciais, sem que os alunos, até as séries finais do ensino médio,

dominem a nomenclatura. Estaria a falha nos alunos? Será que a gramática que se ensina faz sentido para aqueles que sabem gramática porque são falantes nativos? A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para falar, escrever e ler melhor, se transforma em uma camisa de forças incompreensível. (BRASIL; 2000:16).

De acordo com os PCNEM, verifica-se que o ensino da gramática vem sendo utilizado de forma inadequada, de modo que implique no processo de desenvolvimento do educando, bem como as dificuldades de leitura e interpretação. O que deveria ser como uma aprendizagem participativa, interativa e comunicativa, estava se tornando uma conta inexata da Matemática.

Em vista desse quadro, fica o questionamento: como organizar o currículo da disciplina no Ensino Médio? Sabe-se que são graves os problemas oriundos do domínio básico e instrumental, principalmente da língua escrita que o aluno deveria ter aprendido no Ensino Fundamental. O diagnóstico sensato daquilo que o aluno sabe e do que não sabe deverá ser o princípio das ações. Entretanto, as finalidades devem visar a um saber linguístico amplo, tendo a comunicação como base das ações.

A disciplina de Língua Portuguesa deve ser articulada com os pressupostos da área. Diferentemente de outras legislações, que estipulavam carga horária específica para a disciplina, o parecer CNE e a LDB preconizam sua permanência de acordo não só com a proposta pedagógica da escola, mas também em razão das competências a serem objetivadas na área. (BRASIL; 2000: 17).

A própria escola deve decidir a carga horária da disciplina, com base nos objetivos da escola e da aprendizagem com tratamento interdisciplinar. Os objetivos da Educação Básica, no art. 22 da LDB, já apontam a finalidade da disciplina, ou seja, “desenvolver o educando, assegurar-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos superiores.

O processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no Ensino Médio deve pressupor sobre o que é uma linguagem verbal. Ela se caracteriza como construção humana e histórica de um sistema linguístico e comunicativo em um contexto geral. A unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido com a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização, é a razão do ato linguístico.

Desta forma, o aluno deve ser considerado como produtor de textos. Aquele que pode ser entendido pelos textos que produz, e que o constituem como ser humano, isto porque o texto é produto de uma história social e cultural que marcam diálogos entre interlocutores que o produzem.

“De modo geral, as ações são arquitetadas sob a forma de textos que não “comunicam” ou são interpretados de forma diferente entre educadores e educandos. Estereótipos educacionais complexos e difíceis de serem rompidos, como no caso das classificações apriorísticas de tempos gramaticais.” (BRASIL; 2000: 18).

Nota-se que o problema está em como ensiná-las em razão do ato comunicativo. A gramática normativa extrapola em muito o conjunto de frases justapostas deslocadas do texto, priorizando conceitos irracionais sem que haja a interação locutor e interlocutor.

A forma mais viável para a promoção da construção e desenvolvimento, dá-se a partir da contínua verbalização como meio expressivo e comunicativo, torna-se o aprender a aprender, sustenta escolhas, defende opiniões e a formação do processo cognitivo no jogo dialógico do “eu e você”, isto porque é através da oralização que professor/aluno terão um processo internacionalista construtivista.

Dar espaço para a verbalização de representação social e cultural é um grande passo para a sistematização da identidade de grupos que sofrem processo de deslegitimação social, aprender com as diferenças, reconhecê-las como legítimas e saber defendê-las em espaço público fará com que o aluno reconstrua a autoestima.

A literatura é um bom exemplo do símbolo verbalizado. Guimarães Rosa procurou no interior de Minas Gerais a matéria-prima de sua obra: cenários, modo de pensar, sentir, agir, de ver o mundo, de falar sobre o mundo, uma bagagem brasileira que resgata a brasilidade. Indo às raízes, desvendando imagens pré-conceituosas, legitimou acordos e condutas sociais, por meio da criação estética. Quanto mais dominamos as possibilidades do uso da língua, mais nos aproximamos da eficácia comunicativa, estabelecida como norma ou sua transgressão, denominada estilo.

Toda e qualquer análise gramatical, estética, textual deve considerar a dimensão dialógica da linguagem como ponto de partida. O contexto, os interlocutores, gêneros discursivos, recursos utilizados pelos interlocutores para

afirmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista, determinam formas de dizer/escrever. As paixões escondidas nas palavras, as relações de autoridade, o dialogismo entre o texto e diálogos fazem o cenário no qual a língua assume o papel principal.

Para que o aluno desenvolva suas competências e habilidades no ramo linguístico, se faz necessário um confronto de ideias/opiniões, pontos de vistas diferentes sobre as manifestações da linguagem verbal, compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade, além de aplicar os meios tecnológico-comunicativos na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes da vida.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) vem conferir uma nova identidade ao Ensino Médio, determinando que Ensino Médio é Educação Básica. A Constituição de 1988 já prenunciava essa concepção, quando, no inciso II do Art. 208, garantia como dever do Estado *“a progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio”*. Posteriormente, a Emenda Constitucional nº 14/96 modificou a redação desse inciso sem alterar o espírito da redação original, inscrevendo no texto constitucional *“a progressiva universalização do ensino médio gratuito”*. (LDB,9394/96). (BRASIL; 2000: 23).

Isso significa que o Ensino Médio passa a integrar a etapa do processo educacional que a nação considera básica para o exercício da cidadania, base para o acesso às atividades produtivas, para o prosseguimento nos níveis mais elevados e complexos de educação. Também para o desenvolvimento pessoal, referindo-se à sua interação com a sociedade e sua plena inserção nela, ou seja, que *“tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”*.

Nessa concepção, a Lei nº 9.394/96 muda na origem a identidade estabelecida para o Ensino Médio, contida na referência anterior, a Lei nº 5.692/71, cujo 2º grau se caracterizava por uma dupla função: preparar para o prosseguimento de estudos e habilitar para o exercício de uma profissão técnica.

Na perspectiva da nova Lei, o Ensino Médio, como parte da educação escolar, *“deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”* (Art.1º § 2º da Lei nº 9.394/96). Essa vinculação é orgânica e deve abranger toda a prática educativa escolar. Em suma, a Lei estabelece uma perspectiva para esse nível de

ensino que integra, numa mesma e única modalidade, finalidades até então dissociadas, para oferecer, de forma articulada, uma educação equilibrada, com funções equivalentes para todos os educandos:

É no contexto da Educação Básica que a Lei nº 9.394/96 determina a construção dos currículos, no Ensino Fundamental e Médio, “com uma Base Nacional Comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (Art. 26).

Ao propor uma nova forma de organizar o currículo, trabalhado na perspectiva interdisciplinar e contextualizada, parte-se do pressuposto de que toda aprendizagem significativa implica uma relação sujeito-objeto e que, para que esta se concretize, é necessário oferecer as condições para que os dois pólos do processo interajam [...] A parte diversificada do currículo destina-se a atender às características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (Art. 26 da LDB). Complementa a Base Nacional Comum e será definida em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar. Do ponto de vista dos sistemas de ensino, está representada pela formulação de uma matriz curricular básica, que desenvolva a Base Nacional Comum, considerando as demandas regionais do ponto de vista sociocultural, econômico e político. (BRASIL; 2000: 29).

Para tanto, se faz necessária uma reflexão curricular que oriente o Ensino Médio no seu sistema, ressignificando-o, sem impedir, entretanto, a flexibilidade da manifestação dos projetos curriculares das escolas. Assim, o ensino das particularidades regionais se faz intrinsecamente indispensável para inter-relação da cultura local e suas derivadas manifestações com os indivíduos construtores da mesma. No entanto, torna-se evidente que tais demandas curriculares não condizem com o contexto atual dos métodos de ensino das escolas, uma vez que os próprios livros didáticos não se concretizam com tais ações, “as particularidades regionais”, tais como: música, dança, literatura e os autores regionais, de modo geral, são esquecidos. Cabe ressaltar também a falta de complacência por parte dos professores por não cobrarem por parte das secretarias e direções escolares a incrementação das artes nos currículos, pautando ainda a importância e valorização da cultura local.

Estas são as questões consideradas centrais para a compreensão da nova Proposta Curricular do Ensino Médio. As informações apresentadas nesse texto têm como objetivo discutir, em linhas gerais, a reforma curricular do Ensino Médio em

seus principais elementos. A intenção é situar os leitores – professores, técnicos de educação e demais interessados na questão educacional – sobre os aspectos considerados centrais da nova concepção para o Ensino Médio.

De fato, o mundo contemporâneo está marcado pela competitividade, rapidez e fluxo de informações que tendem a crescer constantemente nesta nova era moderna em que o conhecimento não se mantém instável, mas sim em contínuas transformações em busca de novos horizontes, a fim da perfeição. A revisão nos documentos oficiais dos PCNEM visa, a partir de então, concepções inovadoras para somar-se ao currículo do Ensino Médio.

Através destas, o leitor encontrará a fundamentação teórica de cada área, orientações quanto à seleção de conteúdos e métodos a serem desenvolvidos em cada disciplina potencial, as competências e habilidades que os alunos deverão ter construído, ao longo da Educação Básica.

Cabe ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, estabelecer parâmetro para atendimento do disposto neste artigo [...] Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela [...] 2º. O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (BRASIL; 2000: 35).

De acordo com o art. 26 dos do regimento vigente, o sistema de ensino da Educação Básica tem por obrigatoriedade estar à mercê das necessidades espaciais de características regionais para o estabelecimento de parâmetros educacionais, bem como o reconhecimento das diversidades existentes, o ensino das Artes também se faz necessário no contexto educacional da educação básica, visando o pleno desenvolvimento cultural por parte dos discentes.

Do Ensino Médio Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:

I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania. (LDB, 9394/96). (BRASIL 2000: 40)

A LDB 9394/96 destaca a educação tecnológica como a fase da compreensão do significado das letras e das artes, como um processo de mudança do cidadão, da sociedade e da cultura de um povo, seja expressando seus sentimentos através da língua oficial do país como instrumento de comunicação, bem como estratégia de ampliar conhecimentos e se fazer compreender produzindo textos literários e compondo obras sobre sua região, sua cultura e a produção artística do seu povo.

1.2 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

Em 2011, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprova um Parecer que estabelece Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio no Brasil. A medida é apresentada como uma atualização das Diretrizes de 1998, entendida como necessária diante das diversas mudanças ocorridas na legislação relativa ao Ensino Médio nos últimos anos, bem como das transformações em curso na própria sociedade, no mundo do trabalho e no Ensino Médio. O escopo do debate é amplo, assim como são as questões que permeiam a definição da própria especificidade desse nível de ensino no país e suas respectivas políticas curriculares.

Diante dos múltiplos olhares e perspectivas, a partir das quais é possível analisar as atuais políticas para o Ensino Médio, pretende-se identificar o que as novas Diretrizes Curriculares trazem de novo para a organização do Ensino Médio no Brasil. Desse modo, a primeira parte das orientações curriculares é dedicada à contextualização de algumas das principais mudanças pelas quais passou o Ensino Médio no país, especialmente em termos legais, das condições de acesso e permanência e das políticas na área.

Em seguida, são identificadas as principais críticas feitas às DCNEM de 1998, nos estudos e pesquisas realizadas sobre o assunto desde então, para, ao final do artigo, se analisar até que ponto as novas diretrizes dialogam com esses

questionamentos e inquietações, quais as novas possibilidades de organização do Ensino Médio, o que trazem para o país e que desafios continuam na agenda de debates.

O Ensino Médio brasileiro, no decurso de sua história, tem sido recorrentemente identificado como um espaço indefinido, ainda em busca de sua identidade. Contudo, observando-se as funções que lhe foram atribuídas nos últimos tempos, não há dúvida a respeito do caráter marcadamente propedêutico a ele associado. Organizado com base no modelo de seminário-escola dos jesuítas, o Ensino Médio no Brasil nasce como um lugar para poucos, cujo principal objetivo é preparar a elite local para os exames de ingresso aos cursos superiores, com um currículo centrado nas humanidades, pouco relacionado às ciências experimentais.

“Algumas mudanças nesse papel exclusivamente propedêutico surgiram com as reformas educacionais iniciadas por Francisco Campos, na década de 1930, quando começou a ser implantado o ensino profissionalizante destinado às “classes menos favorecidas”. (MOEHLECKE, 2012: 40).

Nesse primeiro momento de expansão do ensino secundário, o modelo destinado “às massas” foi o profissionalizante, com terminalidade específica, que visava a preparar mão de obra para as indústrias que começavam a surgir no país. Paralelamente, preservou-se o ensino de caráter propedêutico, destinado ao ingresso ao ensino superior, foi então que, o chamado ensino secundário começou a ser reorganizado a partir de 1931 (com o decreto nº. 19.890/31), consolidando-se o processo em 1942, com a Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto - Lei n. 4.244/42), que dividiu esse nível de ensino em duas etapas – um ginásio de quatro anos e um colegial com três anos –, mantendo tanto os exames de admissão quanto a seletividade que marcava esse nível de ensino. Tais concepções com trajetórias distintas foram gradualmente constituídas na (leis n. 1.076/50 e n. 1.821/53), mas só foi estabelecida integralmente com a primeira LDB, em 1961 (lei n. 4.024/61) (cf. ROMANELLI, 2001).

Em 1988, uma nova Constituição Federal foi aprovada, trazendo alterações importantes na abrangência e no caráter do nível de ensino em pauta. Afirmou-se o dever do Estado em asseverar a “progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade do ensino médio” (art. 208, inciso II), (MOEHLECKE; 2012: 41)

Esta iniciativa teve por intenção de estendê-lo a toda a população, medida que se refletiu no processo de ampliação da oferta do Ensino Médio, ocorrida nos anos que se seguiram, e, é a partir deste artigo que o Governo se compromete em assegurar um estudo gratuito no Ensino médio a todas as classes em geral, garantindo subsídios a instituição para garantia da permanência dos alunados em plena atuação de suas atribuições na instituição.

Foi a partir do Decreto de nº 2. 200/97 que discerniram termos educacionais do Ensino Médio Regular e Formação Profissional de Nível Técnico, uma vez que colocaram em pauta a grade curricular diferenciada para ambas, isto é, as novas formas de currículos que cada instituição deverá promover para os alunos. Em síntese, o Programa Ensino Médio Inovador (2009) expressa a preocupação do Ministério da Educação em responder às mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas nesse nível de ensino e sugere a urgência de se repensar sua proposta curricular, tornando-a adequada à singularidade do alunado, de forma comprometida com as múltiplas necessidades sociais e culturais da população brasileira.

“Outra política recente do MEC que merece ser registrada são as alterações feitas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Por meio da Portaria n. 109/2009, o ENEM tem seus objetivos ampliados, conforme consta do art. 20.” (MOEHLECKE; 2012: 46).

Outra se não menos importantes que as demais, é o (ENEM) Exame Nacional do Ensino Médio, que visa o pleno desenvolvimento do educando, assim também como incentivo a entrada no ensino superior. O programa expresso na Portaria citada visa o estruturamento da avaliação ao final da Educação Básica e que sirva como modalidade alternativa ou complementar a processos seletivos de acesso aos cursos de Educação Profissional e Tecnológica posteriores ao Ensino Médio e à Educação Superior, possibilitar a participação e criar condições de acesso a programas governamentais, promover a certificação de jovens e adultos no nível de conclusão do ensino médio nos termos do art. 38, § 1º e 2º da lei n. 9.394/96 (LDB), promover avaliação do desempenho acadêmico dos estudantes ingressantes nas instituições de educação superior, entres outras formas de auxílio ao disciplinado.

Com o ingresso na Nova Constituição, constatou-se um enorme crescimento no número de componentes curriculares que hoje, legalmente, devem ser trabalhados no Ensino Médio, ainda que não necessariamente no formato de disciplinas: Língua

Portuguesa; Língua Materna, para populações indígenas; Língua Estrangeira Moderna; Arte, em suas diferentes linguagens: Cênicas, Plásticas e, obrigatoriamente, a Musical; Educação Física; Matemática; Biologia; Física; Química; História; Geografia; Filosofia; Sociologia; História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena; Língua Espanhola; Educação Alimentar e Nutricional; o processo de envelhecimento, o respeito e a valorização do idoso; a Educação Ambiental; a Educação para o Trânsito; a Educação em Direitos Humanos. Desta forma, o termo “flexibilização”, fortemente criticado nas DCNEM de 1998, é agora substituído pela expressão “diversidade”. (DCNEM, 1988).

A definição da identidade do Ensino Médio, como etapa conclusiva da Educação Básica, precisa ser iniciada mediante um projeto que, conquanto seja unitário em seus princípios e objetivos, desenvolva possibilidades formativas com itinerários diversificados que contemplem as múltiplas necessidades socioculturais e econômicas dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos de direitos no momento em que cursam esse ensino. (Parecer DCNEM, 2011).

Essa proposta de currículo é identidade definida para o ensino médio, que lhe atribuem um caráter tanto unificado quanto diversificado, parece ser a principal mudança trazida pelas novas DCNEM (2011), ao mesmo tempo em que seu maior desafio, especialmente em termos de sua consolidação nas ações efetivas dos sistemas de ensino e das escolas, mesmo que a literatura seja um modo discursivo.

Os conteúdos de literatura do Ensino Médio foram incorporados ao estudo da linguagem com o objetivo de dar autonomia aos princípios da disciplina que exige um espaço dialógico. Mesmo que a Literatura seja um modo discursivo entre vários, tais como: Jornalístico, Científico, Coloquial, Literário, Poético, este último, difere dos outros pela sua construção pragmática, que garante ao participante o jogo da Literatura Literária com exercício da liberdade a quem pode levar as várias possibilidades da língua.

Considerando a literatura como: arte de compor e escrever, trabalhos artísticos em prosa ou versos, podemos entender arte como um trabalho diferente mais alegre, mais maneiro e mais delicado. A Literatura é assim, sensibiliza o homem e por isso muitas vezes não é considerado como disciplina curricular ou simplesmente estratégia para o professor passar o tempo.

Entretanto, na Antiguidade, entre as artes a manifestação literária, a mais privilegiada era a Literatura, a mesma era tão privilegiada que chegou a ser entendida como sinal distintivo da cultura. É bem verdade que muitas vezes os textos literários servem apenas para o objeto de culto, culto do estilo, do “bem escrever”, e até mesmo exagero. Retórico de alguns escritores ou então, apenas como suporte das malesas sintáticas e morfológicas. Faz-se necessário o seguinte questionamento: Será que a Literatura tem cumprido seu papel neste mundo contemporâneo moderno? Embora se possa considerar, tudo que é escrito como Literatura, tomemos como ponto de partida o Ensino de Literatura no Ensino Médio como “Arte que se constrói com palavras”. No entanto, há certa convergência neste contexto, isto porque, se a Literatura é Arte, a Arte serve para que? Para tal indagação, busquemos como referência na obra “A poesia é indispensável”, se ao menos soubesse para que?

[...] a arte inventa uma alegriazinha, rompe com a hegemonia do trabalho alienado (aquele que é executado pelo trabalhador, sem nele ver outra finalidade, senão proporcionar o lucro ao dono de modos de produção), do trabalho dor. Nesse mundo dominado pela mercadoria, colocam-se as artes inventando as alegriazinhas, isto é, como meio de educação da sensibilidade. (COCTEAU, *apud* FISCHER, 1966: 29).

Neste aspecto, a “Arte”, tem como meio um conhecimento tão importante quanto o Científico, embora se faça por outros caminhos, como meio de por em questão (fazendo-se crítica). Desta forma, o Ensino de Literatura e de outras artes, visa, sobretudo, ao cumprimento do inciso III dos objetivos estabelecidos no Ensino Médio do art. 35 das Diretrizes Curriculares Nacionais de 96, que prescreve: III) aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e do desenvolvimento da autonomia intelectual e de pensamento crítico. (LDBEN, 1996). A partir do inciso III, a escola deverá ter como meta, o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico, não importando se o educando continuará os estudos ou ingressará no mundo do trabalho. Nesse sentido, cabe aqui ressaltar as palavras de Antonio Cândido sobre a Literatura como fator indispensável de humanização:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício de reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das

emoções, a capacidade de penetrar o problema da vida, o senso da beleza, a percepção da complexibilidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A Literatura desenvolve em nós a quota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, à sociedade e o semelhante. (CÂNDIDO, 1995: 249).

Para que haja o cumprimento destes objetivos, faz-se necessária a abolição de métodos tradicionais de ensino, cujos meios tem implicado no processo construtivista do discente; não se pode assim, sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos literários, características literárias e fazê-lo memorizar mecanicamente regras gramaticais ou características de determinados movimentos literários. É através do mediador que o aluno deverá ter meios para articular conhecimentos e competências, além de formar um leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o aprimorar-se daquilo o que tem direito. Mas, a final o que vem a ser letramento literário?

Segundo Soares (2004), trata-se do estado e/ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita, ou seja, não é ser apenas capaz de ler uma poesia ou drama, mas, dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética. Qualquer texto escrito, seja ele popular ou erudito, seja de expressão de grupos majoritários ou de minorias, contenha denúncias, deva passar pelo mesmo pelo crivo que se utiliza para os escritos canônicos.

“Sabemos que em Literatura uma mensagem Ética, Política, Religiosa ou mais geralmente Social só tem eficiência quando for reduzida a estrutura Literária, a forma ordenadora. Tais mensagens são válidas como quaisquer outras, e não podem ser proscritas; mas a sua validade depende da forma que lhes dá existência como um certo tipo de objeto. (CÂNDIDO, 1995: 250).

Para Cândido (1995), Literatura pode ser a construção de mensagem escrita em qualquer área, porém como obra literária, que possui a característica da criação, invenção, fantasia, a realidade influenciando a ficção de forma ordenada, somente quando a forma lhe da vida como um tipo de objeto e não como toda produção escrita. Isto é, literatura envolve escrita, ficção e conhecimento de mundo, sendo assim não se restringe a um texto qualquer.

1.3 O ENSINO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO.

O ensino de Literatura no Brasil, historicamente, data do tempo em que os Jesuítas, no final do século XVI, introduziram o estudo da Literatura na educação brasileira. Os padres jesuítas iniciaram um tipo de educação com finalidade de catequese e instrução, e, em 1599, publicaram o *Ratio Studiorum*, que era a organização e plano de estudos da Companhia de Jesus. Naquela época, ainda não havia um conceito definido de Literatura, deste modo os escritos clássicos como a poesia, as cartas e discursos eram utilizados para ensinar a *Retórica* e a *Poética*. Este modelo de ensinar Literatura perdurou até meados do século XIX, sendo substituído, posteriormente, pelo ensino da História da Literatura. Apesar da mudança do nome em título, levou-se tempo para que este ensino da História da Literatura se consolidasse e fosse introduzido no Colégio Pedro II. O primeiro colégio de instrução secundária oficial do Brasil, caracterizada como importante elemento de construção do projeto civilizatório do Império, de fortalecimento do Estado e formação da nação brasileira. O Colégio projetou-se como personagem da História da Educação no Brasil e foi único a conferir o Grau de Bacharel em Letras a seus formandos, fornecendo o passaporte de ingresso direto nos cursos superiores sem a prestação dos exames das matérias preparatórias.

Desde o antigo período até então, foi um longo caminho percorrido para a aceitação do sentido da palavra Literatura que hoje conhecemos através dos seus textos e autores. Mas, o ensino nas escolas brasileiras, ainda, mantém laços fortes com programas e conteúdos do século XIX. Entretanto, atualmente, a imagem que vem sendo construída a respeito do que é Literatura, firmada na figura do estudante de hoje, que vê no estudo, na leitura e no conhecimento de Literatura, coisas totalmente sem prazer; que estão atreladas apenas ao universo das obrigações escolares. Nesse sentido, podemos perceber que os alunos estão cada vez mais despreparados para ler, e este despreparo não é apenas diante de um texto literário, é diante de qualquer gênero textual. Desse modo, os alunos concluem o Ensino Médio sem adquirir hábitos regulares de leitura, sejam de textos literários ou não literários.

De acordo com Cereja (2005) é preciso reaver a prática escolar e redefinir o papel do ensino de Literatura na disciplina de Língua Portuguesa, pois o ensino de Literatura no Ensino Médio não tem alcançado os objetivos essenciais a que foram

propostos, nas últimas Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM, 2006), e nas discussões geradas em obras de pesquisadores como Regina Zilbermann (2009) e Marisa Lajolo (1982).

No entanto, sabemos que existe a necessidade de formar leitores competentes de textos literários e não literários, e consolidar os hábitos de leitura para formação de leitores críticos. Segundo Cereja (2005:30) “A Literatura resgata as experiências históricas, culturais e estéticas da humanidade e exige por parte de quem lê um posicionamento pessoal, não apenas em relação ao passado, mas também em relação ao presente.” Segundo pesquisa realizada e demonstrada em “*Ensino de Literatura*”, o Ensino de Literatura está marcado pela tradição, sendo apresentado e incorporado ao ensino através de uma cronologia e contextualização histórica, delimitando os principais e mais importantes autores e obras, a fim de expor o que é mais relevante.

O processo de Ensino de Literatura no Ensino Médio, hoje, não estimula o jovem estudante ao hábito da leitura, isso porque a disciplina de Literatura prioriza o estudo da História da Literatura ou trabalha o foco de uma leitura “artificial”, de fragmentos de obras literárias, sem haver nenhuma investigação das possíveis leituras permitidas pelo texto, não dando a oportunidade e permissão para que o aluno exponha uma opinião do que está sendo discutido e, possivelmente, sugerido pelo texto.

Dessa maneira, refletindo sobre o papel da leitura na escola e a importância da formação do estudante como leitor, o professor torna-se peça fundamental para estimular a capacidade discente de interagir com o conhecimento de forma autônoma, que beneficiará o aluno como cumprimento do papel de cidadão. Sem a prática da leitura não se pode ampliar o repertório crítico e sem a crítica o poder de julgamento fica restrito, com pequena capacidade de intervir e inserir-se socialmente e culturalmente.

A maioria das vezes, quando acontece, as aulas são ministradas no método exigente da memorização de uma quantidade grande de informações literárias, decorando as escolas, períodos, autores e dados biográficos. Tudo isso se transforma em um insistente confronto do aluno com as obras literárias, que pertence a uma realidade totalmente diferente e que acaba transformando a obra literária em um mero objeto de estudo, por isso que os alunos reclamam das aulas de Literatura, pois eles veem a disciplina como trabalho/matéria disciplinar inútil.

Segundo Segabinazi (2011), em sua tese intitulada “Educação Literária e a formação docente: encontros e desencontros do Ensino de Literatura na escola e na Universidade do século XXI”, a pesquisa comprova mais uma vez que o Ensino de Literatura não pode ficar retido apenas aos períodos e estilos literários ou em fatos históricos do passado, e afirma que:

[...] ensinar na escola vai muito além de despertar o gosto para a leitura, pois fazer nosso aluno ler um conto ou um poema é antes de tudo fazer compreender que nesse ato pode haver descoberta, prazer, conhecimento e mudança, provocações que embaralham e desconcertam todas nossas certezas e convicções. (SEGABINAZI, 2011: 100).

É a partir desses valores formativos de diversos autores que surgirão inúmeras reivindicações sobre um novo caminho para as aulas de Literatura nas escolas. É preciso dar novos rumos às práticas escolares, romper paradigmas impostos pelo tempo, e, assim, contribuir para a formação dos jovens cidadãos. Os cursos de graduação têm importante papel diante da construção das práticas escolares, antes do profissional transformar-se no professor, pois ele já foi aluno, e com isso, a instituição deve dispor de todo subsídio e suporte para dispor a melhor formação superior.

A principal função da Literatura é de proporcionar prazer e de apresentar/representar a realidade ao leitor. Entretanto, também é através da linguagem literária, que é proporcionado aos leitores o encontro entre os diversos fatores de cultura como a transmissão de informações e comportamentos; e, além disso, causar sensações, emoções, e rejeições, atuando na educação e formação do homem como ser social, promovendo deste modo a aquisição do conhecimento, possibilitando o reconhecimento à realidade em que vive representada no mundo ficcional, ajudando o homem a entender tanto seus conflitos como os que a sociedade lhe impõe.

A Literatura tem sido, frequentemente, defendida pelo processo de humanização, do que ela pode oferecer ao ser humano, fazendo com que seu leitor busque o exercício da reflexão, aquisição do saber, vivência de emoções, ter a capacidade de encarar os problemas da vida e de entender a complexidade dos seres e do mundo. Os PCN (2002: 55) alertam para um caráter secundário sobre os conteúdos, para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para

ampliar e articular conhecimentos e competências. É importante que, no Ensino Médio, o estudante brasileiro possa ter contato pela primeira vez com o estudo sistematizado da Literatura, transmitida através da apresentação de uma série de textos ou fragmentos e de autores classificados como pertencentes a um determinado período literário. A entrada dos conteúdos em sala de aula é feita por meio do livro didático e raramente vem do professor a indicação da leitura de uma obra literária como uma atividade extraclasse a ser realizada em casa pelos alunos, que, em maioria, não realizam a leitura e tendem a esperar do professor a retomada oral e resumida em sala de aula do que se passa na obra literária sugerida para leitura.

Práticas como essas nos levam a crer que o educador se sente na obrigação de preparar o educando para o vestibular e o ENEM, objetivando o acesso do aluno a universidade. Dessa forma, os professores tendem a ampliar o conhecimento dos alunos em termos de quantidade de informações em torno das obras e da literatura, tornando o processo de aprendizagem do educando algo monótono e ineficaz. Nesse sentido, as práticas de Ensino de Literatura com abordagem historiográfica, no Ensino Médio, tem sido o único modo de estudar tal conhecimento.

Ensinar literatura brasileira e literatura portuguesa, com base na descrição de seus estilos de época, de suas gerações, autores e obras mais importantes tornou-se um expediente tão comum nas escolas, que para muitos professores é praticamente impossível imaginar uma prática de ensino diferente dessa. (CEREJA; 2005: 89).

Ainda, a História da Literatura, dentro de uma perspectiva de compromisso social, revela que a prática da leitura depende de interesses políticos e econômicos. Assim, livros literários também obedecem às necessidades do mercado, dos bens culturais, gerando o cânone literário que é cobrado nas escolas. É a partir do cânone e dos livros didáticos, portadores de normas linguísticas, que se revela o autoritarismo do ensino, onde professores viabilizam aos alunos do Ensino Médio uma enorme quantidade de fragmentos e resumos de obras literárias, com apresentação por parte do professor de interpretações já realizadas por ele mesmo ou por outros autores do qual tomou conhecimento. Assim, as interpretações e conhecimento literário dos alunos do ensino médio são obtidos de forma receptiva e cobrados através de questões de múltipla escolha ou de respostas fechadas,

anulando-se a experiência pessoal do aluno e os possíveis sentidos que este poderia atribuir ao texto.

Dessa forma, os procedimentos utilizados no Ensino de Literatura no Ensino Médio são centrados no professor, ou seja, ele é visto como detentor do saber; no caso é um saber instituído sobre os livros, desvinculado de uma função social. Tais características são comuns à escola tradicional, uma escola que vê o aluno como agente passivo do saber. Embora, nos dias atuais, a educação brasileira apresente propostas educacionais em que o aluno tenha um papel mais ativo, o que realmente acontece em termos de prática em sala de aula torna-se contraditório, porque o referido ensino ainda não chegou a efetivar os ideais de escola ativa, já que a tarefa de colocar o aluno diante do texto literário, como objeto simbólico de construção do sentido é algo que ainda se revela como um grande desafio no contexto escolar.

Desse modo, o Ensino de Literatura no Ensino Médio não tem alcançado plenamente seus objetivos essenciais, apontando para a necessidade de se redefinir o papel desde Ensino de Literatura na disciplina de Língua Portuguesa, afinal, o Ensino de Literatura não se restringe apenas à leitura de obras literárias e à classificação desta num determinado período literário. “Ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar ao aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária.”. (BUNZEN; 2006: 91). Logo, o Ensino de Literatura na Educação Básica deve desempenhar a sua função social de ajudar os alunos a compreender a si próprios, sua comunidade e o mundo em que convive, a partir de obras literárias que abram espaço para discussão e problematização de temas que lhe dizem respeito.

2. RUY BARATA: VIDA E OBRA POR SEUS AMIGOS, POR ELE MESMO E NA LITERATURA.

2.1 RUY POR SEUS AMIGOS

Antes de falarmos a respeito da vida e obra de Ruy Barata, faz-se necessário realizarmos uma pequena abordagem sobre a família Barata e sua instalação no País, especialmente na região paraense.

Importante e Antiga família de origem portuguesa teve seu início com a união de dois sobrenomes na Casa dos Senhores de Sardoal, através de Rodrigo Barata Mendonça de Moura, filho de Pedro Lopes Barata e de Antonia de Moura “Mendonça Vasconcelos”, (GAYO, COUTINHO, §131, E CORTE REAL, TOMO XII, § 18, 240), e quinto neto de Álvaro Afonso Lameira e Leonor Esteves. No Brasil estabeleceram-se no Pará, dois irmãos: Estanilau José Rodrigues Barata, abastardo fazendeiro na ilha do Marajó, de quem descendem os Rodrigues Barata, do Pará, e o Coronel Francisco José Rodrigues Barata, por via destas, neto de Manuel Mendes Barata, Vereador da Comarca de Álvaro e de sua esposa e prima, Maria Barata Freire.

Francisco José Rodrigues Barata Freire (24.26.1770) chegou ao Pará por volta de 1780. Em 1781, aos 11 anos de idade entrou à Praça de Soldado no Terço Auxiliar na cidade de Belém. Francisco Barata se alistou na 4ª Cia do Regime do Exército, ainda em Belém foi encarregado da disciplina dos dois regimentos da Cidade sob as ordens do Capitão Pedro de Melo Marinho Falcão – seu futuro sogro. Com o passar dos anos, Francisco Barata ingressa cada vez mais Política Militar Partidária do exército Português, Ruy Guilherme Paranatinga Barata é descendente desse Francisco Barata, mas na quinta geração. Seu Pai o Dr. Alarico de Barros Barata, advogado e Político Paraense que ocupou vários cargos de relevo na administração pública, tais como procurador fiscal do Estado e Membro da comissão do Planejamento da Superintendência do plano de valorização da Amazônia, sendo natural de Óbidos, fez oposição ao seu parente Magalhães Barata, junto com seu filho Ruy Barata e seu Neto André Barata (CARLOS BARATA - DICIONÁRIOS DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS).

A respeito da vida de Ruy Guilherme Paranatinga Barata, poeta paraense, pouco se encontra sobre sua biografia, com destaque na identificação de sua própria obra. Entre os autores que o citam estão: Edyr Proença, Clóvis Meira, Benedito Nunes, João de Jesus Paes Loureiro e Moreira. Além de fazerem comentários sobre o livro “Paranatinga”, que Alfredo Oliveira escreveu sobre Ruy Barata, também

teceram comentários sobre sua obra e passagens marcantes da sua trajetória na Literatura Modernista Brasileira.

Alfredo Oliveira (1990) escreveu sobre Ruy Barata. Este conta a vida de do renomado poeta paraense, que nasceu no dia 25 de junho de 1920 na cidade de Santarém-Pará, às margens do rio Tapajós, situada à Rua Francisco Correia. Filho de Alarico de Barros Barata e Maria José Paranatinga Barata, Ruy foi alfabetizado por seu pai ainda em Santarém, onde permaneceu cerca de 10 anos. Após esse tempo, vai para Belém dar continuidade aos seus estudos, enquanto sua família se transferia para Óbidos, onde costumava passar suas férias. De início, passa a frequentar a Escola Moderna dos Irmãos Maristas, cursando as duas primeiras séries do curso secundário e as três últimas na escola Nossa Senhora de Nazaré, passando a frequentar o Colégio Estadual Carvalho Paes. Após a conclusão do ensino do pré-jurídico, Ruy entra para a antiga Faculdade de Direito do Pará, sendo diplomado no ano de 1943. Mesmo sendo advogado, segue a carreira jornalística, onde trabalha em jornais da terra, em especial na “Folha do Norte”, de Paulo Maranhão.

Em virtude da redemocratização do país, após o período ditatorial do Estado Novo, elegeu-se como Deputado Estadual duas vezes subsequentes pelo (PSP) Partido Social Progressista, de 1947 a 1954. Ao término do primeiro mandato, sua candidatura a reeleição foi considerada pelo comando da Oitava Região Militar, como comunista, contudo, obteve ganho de causa no Tribunal Regional Eleitoral e no Supremo Tribunal Federal e se reelegeu.

Ficou conhecido como suplente pelo (PSP) a deputado Federal, mandato que, desempenhou de 1954 até 1959, na vaga de Lopo de Castro, eleito prefeito de Belém. Ruy por não ter condições financeiras resolveu não disputar o retorno a Câmara Federal. Novamente a capital paraense, reassumiu o 4º ofício do Cível e Comércio, para a qual fora nomeado anteriormente pelo general Zacarias de Assunção, governador do Estado.

Foi ainda diretor do suplemento literário de “A província do Pará”, e regente da cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Artes, mais tarde incorporada a Universidade Federal do Pará, no ano de 1964. Com o movimento literário desta mesma data, Paranatinga é destituído de todas suas funções, terminou preso, demitido do cartório “a bem do serviço publico”, e aposentado compulsoriamente do Magistério Superior. Após sua liberdade, exerce

a função de advocacia no escritório de seu pai e empenha-se em jornalismo, como meio de sobrevivência; após três anos passa a utilizar a advocacia como ocupação principal, conseqüentemente, em virtude do falecimento de seu pai Alarico Barata.

É no governo de do presidente João Figueiredo que é decretada a Lei da Anistia, a partir daí, reassume seu papel na Universidade Federal do Pará (Centro de Letras, Artes e Comunicação) e, finalmente, aposentado de suas funções como cartorário. Ainda em vida, publicou *Anjo dos Abismos* e *A Linha Imaginária*, poemas sob forte influência da estética modernista, remanescente da Semana da Arte Moderna. Chegou a alcançar grande prestígio e sucesso através de suas composições musicais que atingiram níveis nacionais e internacionais em parceria com seu filho Paulo André Barata, as quais destacam-se as músicas “Foi assim” e “Pauapixuna”. Por conseguinte do pré-jurídico veio à Faculdade de Direito, tempos de convívio com Cléo Bernardo, Clóvis Ferro Costa, Edyr e Delival Nobre, dentre outros colegas da turma. Edyr e Delival pertenciam ao “Bando de Estrelas”, Ruy não pertenceu à chamada “Academia do Peixe Frito,” como Dalcídio e Bruno de Menezes, mas pertenceu a geração posterior.

Benedito Nunes comentou sobre a obra de Ruy Barata, *A Linha Imaginária*, afirmando que ela abre o ciclo da nova poesia em 1952. Trata da criatividade do autor, do seu vigor expressivo, de sua técnica, do seu manejo do verso, o poder verbal, a insinuação do tema e a construção do assunto. Para ele, Ruy Barata não é uma virtuose do verso, porque é um criador, e a poesia nele tem nascimento espontâneo, com riquezas de imagens elaboradas com experiências do poeta. Benedito Nunes afirma que o poeta não se deixou se impressionar pelas discussões bizantinas como se absoluto da poesia, mantendo com palavras a familiaridade de um fato. Diz que não é o poeta que serve as palavras; elas é que o servem.

2.2 RUY BARATA POR ELE MESMO

Em “Paranatinga”, livro de seu grande amigo, Alfredo Oliveira, Ruy falou sobre si mesmo, citando passagens de sua vida e comentando a respeito da sua família e suas experiências na política e nas artes.

“O meu nome tem forte ligação com Ruy Barbosa e a companhia civilista contra os militares; Paranatinga vem do tupi e do lado materno. Significa “Rio Branco, e foi enxertado como afirmação de nacionalidade. Barata não representa parentesco algum com o General Barata, que mandou e desmandou no Pará, a partir da revolução de 1930. Sou filho do arigó Alarico de Barros Barata e de Maria José Paranatinga Barata, cabocla de Itaituba, dona Noca, para todos, pois o apelido prevaleceu, coisa corriqueira do interior. Minha mãe cantava como poucas pessoas vi cantar. Sabia de cor todas as novidades musicais que apareciam em Santarém, onde nasci e residíamos. Não esquecia de se fantasiar no carnaval e nessa onda carregava o velho, que pouco tinha jeito para o folião. (PARANATINGA: 1990).

Ruy conta que seu pai era voltado para o Direito, nasceu em Fortaleza e veio para o baixo-amazonas. Como ele possuía grande afinidade cultural e política, praticamente foi seu educador, fez todo o seu primário em casa, desde as primeiras letras. De tal maneira que seu pai não sabia avaliar o que ele sabia. Aos 10 anos Ruy foi para Belém, destinado ao Internato Colégio Moderno, pois para sua satisfação, já estava apto para o exame de admissão ao curso secundário, fato constatado pela professora Madalena Penafort irmã de Onestaldo Penafort, o grande tradutor brasileiro das peças de Shakespeare. Um dos seus colegas, nessa prova, outro não foi senão o radiologista Otávio Lobo, por quem manteve uma imensa ternura.

O seu pai faleceu depois do golpe militar de 64, e apesar de cardíaco, em plena atividade, a favor dos presos políticos. Lembra-se, inclusive, de um episódio, relacionado com a defesa de certo estudante. Disse ele ao carcereiro de farda patente: “esse jovem está preso por uma única razão – escreveu num dos muros da cidade a seguinte frase: abaixo a ditadura. Ele não achou que isso poderia se constituir um crime, pois, se crime existisse, não a repetiria, como repetiu naquele momento: Abaixo a ditadura!”

Ele conta que nasceu à noite, numa casa da rua São Francisco Correia; ao lado, D. Noca plantava cravos e rosas. Quem lhe pegou foi o doutor José Teodorico de Macedo, parteiro de alma boníssima e muito bem retratado por Dalcídio Jurandir, na figura de médico de Ponta de Pedras, em Chove nos Campos de Cachoeira. Foi batizado pelo Frei Ambrósio, alemão da Ordem dos Franciscanos, e justamente o doutor Macedo serviu-lhe de padrinho. Mais tarde tornou-se também seu compadre ao apadrinhar um de seus filhos.

Em entrevista concedida ao seu amigo Alfredo Oliveira, enquanto esse escrevia “Paranatinga”, Ruy segura em suas mãos uma cópia datilografada de sua

obra “O nativo de câncer”, e lê em vos alta, versos expressos pela saudade do universo “Mocorongo”. Depois continua: “Acho que o clima musical de Santarém, algumas aulas de piano com o mestre Zé Augustinho, a ruma de seresteiros, o conjunto que tocava músicas de Ernestos no cine “Guanabara”, que era mudo, isto é, sem som, tudo isso junto, deve ter fabricado em mim o gosto de compor.” (RUY APUD OLIVEIRA, 1990: 19).

Ruy continua sua narrativa: “Fiz a minha primeira comunhão na Matriz de Santarém, com Frei Ambrósio e todo aquele ritual de roupa branca, vela bolo e chocolate, com ovo batido. No Instituto Nazaré, onde terminei o Ginásio pertenci ao coral “Silva Novo”, regido pelo irmão Pedro de Alcântara. Outro cantor dessa orla seria futuro governador do Pará”.

Ainda na escola Nossa Senhora de Nazaré, desde muito cedo Ruy destacava-se em apresentações teatrais, a qual em uma delas foi *cronner* do bando “Guará” e contracenou em peças levadas ao palco do colégio com o Everaldo Guilhon, mais tarde redator expositivo de “A vanguarda” e autor do apelido do Paissandu “Papão do Curuzu”.

Paranatinga tinha grande apreço por sua Terra oriunda, neste cabe ressaltar as próprias palavras do poeta:

“Óbidos é uma terra que deixei grandes amigos. Tanto que foi meu reduto eleitoral nas campanhas para deputado. Ali foi a vida dos meus primeiros amores, das minhas primeiras composições para o carnaval de D. Rosa que costurava as fantasias que vesti e que outra não era, senão a mãe de Pedro Pomar. La quando rapaz fui jogador de futebol do “Amazônia” ao lado do craque da cidade Paulo Matos de Sousa.” (RUY, APUD OLIVEIRA, 1990: 20).

Ainda quando criança, Ruy sempre viajara para Óbidos passar suas férias com seus familiares e lá fizera grandes amigos. Viveu momentos únicos como o próprio poeta afirma, não tinha medo do amanhã e nunca lembra sonhos, exceto um. O finado pai na casa de Óbidos murmurando na janela de olhos fitos no amazonas.

“Tentei aprender violão. o meu professor foi o preto Aloísio do Umarizal. Fiquei no conhecimento do cabo. Gosto de seresta ate pelo que representa como vivencia entre amigos. Seresta é festa de aniversário no subúrbio, daí porque feita em palco é uma das coisas mais ridículas do mundo. Cão de estrelas? Momentos de extrema poesia e outros de fragrantés mediocridade.” (RUY, APUD OLIVEIRA, 1990: 21).

Paranatinga não tinha apreço algum pela música popular, sua paixão era mesmo a música clássica, tanto que faz críticas às serestas, e a modo de se portarem, dizia ele ser uma ridícula manifestação. Quando jovem apaixona-se pela música no ambiente Mocarongo, e é através deste apreço que surge a vontade de compor suas primeiras canções. Em Óbidos, faz amizade com vários letristas, dentre eles destaca-se Saladino de Brito, mas é pelas músicas de Caymm que ele percebe que a música não é só música Urbana. Ruy nasceu com os versos livres e soltos, dizia ele: “A realidade chega a mim e eu a recrio. A inventiva é fundamental. Sem inversão não existe letra, nem poesia. E quem nos ensina isso é Fernando Pessoa”. (RUY APUD OLIVEIRA; 1990: 23).

*O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que às vezes pensa ser dor
Dor que deveras sente (...)*

Neste pequeno trecho do poema de Fernando Pessoa, “Autopsicografia”, o poeta afirma a importância da inventiva, da construção de compor algo, pois é através desta forma de criação que a música, a poesia ou qualquer outra expressão artística se torna valioso, por isso Paranatinga faz uma analogia ao poema de Pessoa, que atribui ao poeta a função de inventar tão bem que a sua própria fantasia vira verdade para ele também, caracterizando a verossimilhança que toda obra de ficção deve deixar passar para o leitor ou interlocutor.

Fascinado pela música clássica, Paranatinga a considera ainda como música popular bem trabalhada, dizia ainda gostar de Debussy, Beethoven, Mozart. Durante suas produções foi muito criticado, principalmente por um grupo de baratistas, isto é, o grupo narcisista partidário da oposição. Ainda, tornou-se vencedor de vários festivais de carnaval dos “Boêmios da Academia”, com o tema “Muiraquitã”, samba de parceria com seu filho, Paulo André Barata.

“Dentro de uma realidade local, o festival ainda é importante porque não está atrelado a máquina alguma. Pode inclusive servir de vínculo para jovens compositores, muitos deles completamente desconhecidos [...] já fui jurado com o Ruy em festivais ocorridos em Belém. Detalhe: ele não conseguia dar nota baixa para ninguém. Acima de tudo o Paranatinga é um grande coração”. (REIS APUD OLIVEIRA; 1990: 25).

Segundo Alfredo Reis, o festival era de suma importância para a construção da Cultura e formação social-interativa, o mesmo servia para libertar os jovens cantores de suas celas a qual a si própria se aprisionava. Tinha Ruy como grande amigo e parceiro para a vida toda, tanto que é o autor de “Paranatinga”, obra feita em homenagem ao grande artista. Outro grande renomado artista paraense era senão Edgar Proença. “Eu e Ruy atuavam no show “Papo Molhado” juntamente com Hélio Rubens, Kzan Gama, Guiães de Barros, Sagica e o Garçom ligeirinho.” (EDIGAR apud OLIVEIRA; 1990: 26).

Edgar Augusto Proença foi jornalista paraense e crítico musical do “Diário do Pará” e um grande amigo de Ruy e um excelente poeta da época.

Paranatinga serviu de grande instrumento para o enriquecimento da cultura paraense, assim também como seus colegas da Faculdade de Filosofia como Moreira Junior, Orlando Costa, Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes, Ápio Campos, Napoleão Figueiredo, Otávio Mendonça, etc. Ainda se fez presente no chamado “ Café Central”, no início da década de 60. Um grupo que reunia artistas intelectuais da terra, (Poetas, Escritores, Compositores, Jornalistas, Letristas, Boêmios, etc.) dentre os integrantes do Café Central, destacavam-se Paulo Plínio Abreu, Mario Faustino, Waldemar Enrique, Max Martins, Gaube Cruz, Benedito Nunes, Chico Mendes, Machado Coelho, Nunes Pereira, Jocely Brasil e uma das figuras mais celebres: Clarice Lispector que residia em Belém por algum tempo.

Paranatinga era um homem de muitas moedas, gostava mesmo da “birita”, lembra ainda as recordações em torno de uma paixão, “Universidade de Samba Boêmios da Campina”. “A princípio, a primeira escola a ocupar a Zona foi o “**Tá Feito**”, em seguida os “Quem São Eles” e por fim os “Boêmios da Campina”. Sua ligação com os Boêmios nasceu através de Paulo Roberto, e de seu primo Acelino Barata de Magalhães Costa.

Naquela época, denominado grupos “Boêmios da Campina”, veio à mídia a partir da instalação da Universidade Federal do Pará, para registrar o evento, o poeta abriu manchete na “Província” da qual era redator da página de Letras e Artes. Mas, para muitos o termo Universidade referia-se aos boêmios. Paranatinga também foi sambista de primeira mão, o folião era sua sede, em Jurunas, bairro nobre de Belém-Pa, fazia a festa e caía no folião com sua junta carnavalesca denominada Muiraquitã. Cabe ressaltar nesta, dos grandes sambas-enredo do sambista.

Trago esta noite para você
 Embrulhada em serpentina trago este céu
 E ninguém crê
 Que há um pedaço da campina
 Trago a pastora que enfeitei
 O tamborim que eu afinei
 Trago este samba
 É samba é sina
 “Dos Boêmios da Campina”
 Fala pandeiro e faz calar
 As ondas do meu rio-mar
 Gemi cuíca e faz calar
 Que em campina quis debochar
 Campina veio ver a decisão
 Se samba vale
 Eu já sou campeão
 (Campinas) outro não.

Outro samba, letra e música de sua autoria, é:

Vai à onda, rolando,
 Era onda, e praia quebrou,
 Só não vai do meu peito campina
 Essa não, essa não me deixou
 Não me deixou
 Mocidade se foi de repente,
 Meus cabelos no tempo manchou,
 Só não vai do meu peito campina
 Essa não, essa não me deixou
 Não me deixou.

“Na penúltima vez que o sambista saiu pelos boêmios na década de 64, já havia samba enredo. Foram campeões na avenida. “Muiraquitã” samba que fez com seu filho Paulo André.”

Senhor meu rei
 Do que sei agora vou contar
 Meu valor, não vou desmereçar
 Nem permita que eu me esqueça
 De paz lhe dar.
 Muiraquitã sendo pedra
 E tinha verde cor
 Verde-selva, verde vaga,
 Toda verde, verdejado,
 De verde amor.
 Guerreiro sou, Guerreiro sou,
 Mas quando vi, não resisti,
 Muiraquitã, luz da manhã,
 Debrucei-me nela.
 Depois parti,
 Mas vou voltar,
 Quem deve amor,
 Amor que dar,
 Por isso vou,
 Vou voltar pára o meu rio-mar

*Tupã é quem manda no mundo,
No homem quem manda é campina
No verde do Muiraquitã.*

Em termos de trabalho, Ruy se esforça para capturar a emoção que a melodia desperta. É a partir daí que tenta disciplinar seu desempenho como letrista. A paixão pela música fez de Ruy um dos maiores letristas, para alguns o melhor do Brasil.

“A música que me conduz a letra [...] é claro que a melodia já feita é uma prisão para o letrista, mas prefiro assim. Mesmo porque não há prisão onde não exista espaço para o homem se movimentar [...] a letra me põe em uma grade. A poesia me dá liberdade.” (RUY APUD OLIVEIRA; 1990: 41)

Para ele, a letra necessariamente precisa estabelecer comunicação com o público; por outro lado, a poesia não tem essa obrigação, embora haja campos em que uma letra seja poética, mas não obrigatoriamente. A verdadeira função da letra é traçar laços com a melodia, e assim, seguir um parâmetro horizontal. A poesia foge a essa estética, está livre para buscar novos horizontes, a mesma transcende o poder da palavra.

Ruy não se prendia a uma estética oficial, desde cedo seus versos eram soltos e espontâneos, segundo ele, as palavras não surgem amarradas e sim em constantes movimentos e estado de transformação. Muitas vezes, uma palavra exerce uma forma mais expressiva do que a outra palavra, que seguem o ritmo padrão oficial da língua. Chegou ainda a elaborar vários discursos, textos e poemas encomendados.

“A chamada letra regional é sempre uma letra política. Tomemos por exemplo, o baião de Luis Gonzaga, que, a meu ver, é profundamente político, pois questiona uma realidade social e linguística: a nordestina. O opressor sempre impõe a sua linguagem. O regional foge a essa imposição. Todas as minhas letras são política porque não sou alienado. Flagram uma realidade local, e necessariamente, não servem a qualquer regime.” (RUY APUD OLIVEIRA; 1990: 44).

Torna-se evidente na citação mencionada em que Ruy defende as características regionais da terra como foco de Cultura da Região e que mesmo a tantas tentativas de imposições e influências externas, o regional prevalece, e não se sujeita às manifestações que persistem a adentrar a cultura local, o regional foge

a essa imposição. A cultura, a língua, a fala, permanece a mesma, não se acultura a outras línguas.

Como músico, o grande paraense reporta à grande diversidade na musicalidade regional, a penetração dos meios de comunicação de massa, e ainda sucinta que a música dita paraense deveria ser mais bem conceituada como música popular brasileira feita no Pará. O ‘Merengue’ do Caribe regionalizou-se com o nome de ‘Lambada’, o ‘Carimbó’, para ele, era a raiz da terra, tanto que ainda quando jovem, festejou muito rodas de carimbó e reafirmava sua fala: - o carimbo é nosso! Isto se sabe, porque fora amigo de Pinduca, um emérito executante e compositor do ‘Carimbó’ nacionalmente reconhecido, ambos juntos foram carcereiros no quartel da polícia militar em 64, em suas ações contra o Estado.

Foi em um *show* montado por seu filho Paulo André, estreado na assembléia paraense e no Pará Clube, que surge a figura mais ilustre de Guerra e Talento, Maria de Fátima Moura Figueiredo, posteriormente conhecida nacionalmente por Fafá de Belém. Foi através de “Pauapixuna” e “Foi Assim”, interpretadas por Fafá de Belém, que o país passa a conhecer as grandes composições do poeta e de seu filho. Sucinta em suas palavras: “De todas as letras que fiz, até hoje a que mais me doe foi “Pauapixuna” [...] como já disse, Pauapixuna é a própria fronteira de Óbidos. Ali tive grandes amigos [...] nunca conheci gente mais tarada por música como aquela gente.” (Ruy apud Oliveira, 1990: 47).

A referida música é uma de suas composições a qual mais lhe tem afeto, isto porque fora lá na fronteira de Óbidos que Ruy carrega traços de carinho e afeto de todos; lá construiu grandes amizades para a vida toda, relembra os velhos momentos de infância, dos bailes dançados, dos amigos pescadores, além de que, fora ali que, desde o início das suas primeiras composições de seu repertório musical. “[...] a nossa primeira composição de parceria foi feita depois de 64 e chamava-se “Rosa - Rubra”, exaltava a liberdade e manifestava-se contra o obscurantismo daquela hora. Dela só guardo a memória de um pequeno trecho.” (RUY APUD OLIVEIRA, 1990: 48).

... *Que esta rosa nasceu rosa,
Para rosa rubra ser,
Rosa de todas as rosas
Nas rosas do amanhecer.*

A canção 'Rosa Rubra', feita por Paranatinga e André Barata, foi feita em homenagem a Rosa Luxemburgo, que foi impedida de ser executada no programa dominical "Pierre Show" da TV marajoara em 1996, sendo apresentada apenas a sua face instrumental. (MORAES APUD OLIVEIRA, 2000: 282). Ruy Barata Foi um dos alvos preferidos da censura em Belém, além de ter sido diversas vezes preso, arbitrariamente, e ter a casa invadida por militares armados, sua produção artística sofreu uma constante vigilância.

A preocupação da censura dentro de seus princípios persecutórios hipertrofiados, não foi suficiente para calar os músicos locais, mesmo com a coerção sofrida, havia sempre a possibilidade deles de se expressarem politicamente, denunciando, satirizando, criticando aspectos da vida política e social do país, por meio da poesia e da canção. Os compositores engajados paraenses, entre eles o próprio Alfredo Oliveira, João de Jesus de Paes de Lourenço, Ruy Barata, Paulo Andre Barata, Galdino Penna, José Maria de Vila Ferreira, dentre outros, incorporaram em seu repertório temático e sonoros outros lugares igualmente míticos, outros sujeitos sociais e outros sons.

A floresta, o homem ribeirinho, os rios, o legendário amazônico, o ritmo do carimbó, do lundu, do retumbão, do marabaixo, selecionados como fontes de dada tradição da cultura popular de Belém, serviram como vetores para as atividades criativas destes compositores, preocupados em denunciar, criticar, ironizar ou simplesmente tematizar aspectos da realidade local e dos efeitos dos processos de modernização e industrialização na região. (MORAIS, 2012: 5).

No ramo da política, o poeta também desempenhou papel preponderante contra as calamidades que aconteceram na época, tanto que utilizou a política, dentre outras formas, como intercâmbio para transmitir seus ideais, críticas, pontos de vista e acima de tudo seu nacionalismo. Foi no final do pré-jurídico que Ruy interessava-se por Direito, isto porque, seu pai o arigó Alarico de Barros Barata, surtiu desde cedo grande influência para tal, uma vez que, naquela época Direito e Literatura andavam praticamente juntos, entrelaçadas uma a outra. Apesar de sua formação em Direito em 1943, preferiu assumir jornalismo como profissão, somente em 1947, aos 26 anos de idade, assume sua primeira legislatura pelo (PSP) Partido Social Progressista como Deputado Estadual e após sua candidatura é reeleito pelo mesmo partido, perpetuando até o ano de 1954. Ainda conseguiu assumir papel de Deputado Federal pelo mesmo partido até o ano de 1959.

A partir daí, Paranatinga exerce função do 4º Ofício do Civil e Comércio da Comarca da capital, nomeado pelo General Alexandro Zacharias de Assunção eleito governador do Pará. Assunção e Ruy eram grandes amigos, tanto que o poeta chegou a elaborar muitos de seus discursos e pronunciamentos políticos: ambos costumavam discutir sobre política local. Adiante passa a ser corregedor do Ministério Público e em seguida consultor geral do Estado. Como parlamentar, ingressou nas fileiras de campanha de monopólio estatal do petróleo, nos movimentos democráticos pela paz, pelo divórcio, contra a Lei de Segurança Nacional, contra o acordo Militar Brasil-Estados-Unidos. Naquelas idas, Ruy fora bastante perseguido pelo poder militar devido as suas grandes críticas sociais, na capital paraense. Tanto que chegou a ser preso, assim também como vários outros críticos da época. Sobre as palavras do próprio Ruy, cabe aqui recitar: Fui um dos personagens mais visitados, nesta terra, pelo golpe militar de 64. Por quê? “Certamente, por alguns “delitos”, por mim cometidos, que constituíram o meu passaporte para o planeta de grades” (RUY APUD OLIVEIRA, 1990, P 149).

Refere-se aqui o poeta, às grandes perseguições políticas que sofrera durante o período militar por suas fortes e intensas críticas, estes considerados como apoio ao movimento que se repercutiu naquele momento; tais como: poemas, músicas, artigos, comentários e pronunciamentos de variadas formas representadas que denunciavam a todo instante o autoritarismo da época. Em Belém, um jornal da propriedade do Dr. Armando Carneiro “O Jornal do Dia”, Ruy publicou exatamente no dia 31 de março de 1964, o penúltimo de uma série de cinco artigos contra a implementação de uma estrada denominada “*Belcan*”, e que sairia da capital, contornava Marabá, em direção à Jacareacanga, na época, apenas um campo de aviação.

Tal ato cometido através da denúncia por seus artigos feitos, como não podia deixar de ser, foi um delito imperdoável para os entreguistas e racionalistas, além de que, ia de encontro com o acordo Brasil - Estados Unidos. Os estrangeiros já visavam às riquezas da terra, tanto que lançaram seus modernos artefatos aeroespaciais detectores de minérios e financiaram a construção da “*belcan*”, por uma empresa da agência do governo Norte -Americano denominada (USAID). Outra denúncia, não menos importante, foi o poema “*Me Atrae Una Cubra Libre*”, publicado na “Folha do Norte” em janeiro de 1959. Vejamos um pequeno trecho do poema em Paranatinga:

*Me atrae una cubra libre,
 Porque cubra libre está
 Raio de sol me descubra
 Canção me venha habitar
 Me atrae una cubra libre
 Porque cubra libre está.*

O referido poema critica a guerra que acontecia em Havana liderada por Fulgêncio Batista, ostensivamente apoiada pelos Estados Unidos e, ao mesmo tempo a glorifica por sua libertação que se deu com a ajuda de Fidel Castro. A partir de então, o poeta passa a ser olhado, pelos chamados órgãos de segurança do Estado, como uma pessoa extremamente perigosa ao proclamar-se comunista. Nesta mesma década, a palavra poética tornou-se instrumento vigoroso e engajado na produção “Popular Revolucionária”. Arte, Cultura e Militância Política se entrelaçam com tamanho entusiasmo que os temas em debates surgem contundentes num cenário jamais visto no país.

Intelectuais e artistas mobilizam o povo, empenhados no projeto de conscientizá-lo de si mesmo. O nacionalismo assume papel de suma importância para o despertar da nova era, juntando à esquerda e classes dirigentes interessados no desenvolvimento econômico. Neste mesmo momento, surge em Pernambuco o (MPC) Movimento de Cultura Popular a qual formava núcleos de alfabetização nos subúrbios pobres e mocambos, cuja função anterior é substituída, isto é, o aprendizado se associa a questão social formada pelo conceito de Paulo Freire.

Vários intelectuais da (ISEB) - Instituto Superior de Estudos Brasileiros formulam estratégias para o desenvolvimento, a partir de interpretação da realidade brasileira. A exemplo desta nova forma de expressão social, o cinema exerce papel preponderante na divulgação da prática revolucionária, ao invés do cinema comercial, visa engajar na linguagem cinematográfica, acontecimentos do presente, enfatizando assim, a realidade social, a crítica social e problemas vigentes na sociedade contemporânea. A realidade nordestina é mostrada em “Vidas Secas”, de (Graciliano Ramos), baseada no romance de (Glauber Rocha), onde se expõe o cangaço e o misticismo.

Já em meio a tantas mudanças nas formas críticas da sociedade e da inquietude que abraça a população, a atuação da União Nacional dos Estudantes (UNE), passa a participar nas discussões dos problemas nacionais, atraindo a

massa de jovens para a atividade cultural ligada à militância política. Consequentemente, surge o (CPC) - Centro Popular de Cultura que decreta em manifesto, que “fora da arte política não há arte popular”, e conclama seus adeptos a ser parte integrante do povo, destacamento de seu *front* cultural, isto é arte concebida, claramente, a serviço da tomada do poder.

O Centro Popular de Cultura lança em 1962 os “Cadernos do Povo Brasileiro”, editados por toda a civilização brasileira, do qual faz parte da série “*Violão Rua*”, coletânea de poemas que, segundo o manifesto regido por Moacyr Felix, almeja a utilização da estética, de temas humanos agudamente engajados como contribuição a luta dos povos oprimidos do chamado terceiro mundo, de que tudo aquilo que é verdadeiro serve ao povo, de que o uso apaixonado da verdade é o instrumento por excelência da humanização da vida.

Ao denominar o presente capítulo “*Violão de Rua*”, a intenção foi ressaltar a característica da poesia de Ruy Barata nele inserida, pois sem nenhuma dúvida, o remete ao período histórico que o motivou. É pautável ainda destacar “*Me Atrae Una Cubra Libre*”, poema este, que foi para as ruas através de panfletos com intuito de difundir o que neles se continha. Paranatinga participou, ativamente, na luta política, juntamente com a comunidade universitária em prol de uma sociedade mais justa, do poder de expressão, da cidadania e bem estar.

O poeta não tinha “papas na língua”, era homem de versos soltos, não havia lugar ou ambiente que pudesse prendê-lo ou censurá-lo, comunista com orgulho no peito, visava uma sociedade sempre melhor, com mais direitos a população, lutava em defesa da soberania da Amazônia e não se sujeitava ao opressor. Foi devido a tamanhas atitudes revolucionárias que Ruy fora preso nos primeiros momentos da repressão desencadeada no Pará pelo golpe de 64.

Estava na casa de uma tia de minha mulher e fui denunciado por um jovem que fazia o serviço militar no 26º BC. Era de manhã e, na noite anterior caíra à cidade de lutas em favor das liberdades públicas no Pará. A União Acadêmica Paraense (UAP), cuja sede foi invadida por tropas do exército. (OLIVEIRA, 1990: 151).

O poeta permanece preso durante quatro meses, durante esse período conheceu vários artistas, não só do gênero poético como também do musical, dentre eles cabe ressaltar o grande compositor de carimbó, Pinduca, o poeta Paes Lourero, dentre outros. Após sua prisão, procura reassumir sua profissão de professor na

Faculdade de Filosofia, e volta a trabalhar no Cartório do 4º Ofício. Não demorou muito para que Paranatinga fosse demitido do Cartório “a bem do serviço público”, logo se aposenta pela Faculdade de Filosofia, ganhando uma mísera quantia de mil e trezentos cruzeiros. Sem alternativa, passa a trabalhar novamente no jornal da “Folha do Norte” e “flash”, a qual tinha como diretor João e Ivan Maranhão.

Além das obras relativas à música, à política e outras artes, Ruy Barata também se destacou na Literatura, principalmente na Poesia, enfatizando o seu olhar sobre a Amazônia, sobre as mulheres, sobre o submundo, o sobrenatural, o místico, a boêmia e a natureza, o que deixa mais evidente ainda o seu talento também como poeta. Antes mesmo de se tornar conhecido nacionalmente através da música, desde muito cedo, o poeta já compunha um repertório imenso de poesias, tanto que em 1943 aos 23 anos de idade, publica sua primeira coletânea “*Anjo dos Abismos*”, pela Editora José Olímpio, obra que contém 24 poemas elaborados entre 1939 e 1942, dedicada ao querido pai, o arigó Alarico de Barros Barata e a Francisco Paulo Mendes, seu estimado amigo para a vida toda.

Torna-se perceptível a linguagem utilizada pelo poeta, em sua primeira coletânea, apesar de ainda muito jovem, já era capaz de mergulhar nas entranhas dos sentimentos e expressá-los magnificamente. Contudo, ainda havia uma grande estrada a ser percorrida e pedras a serem retiradas do caminho. Sobre os escritos de Benedito Nunes (1929-2011) em sua obra “Do Marajó ao arquivo: Breve Panorama da Cultura do Pará” aborda alguns critérios importantíssimos necessários para uma melhor realização do artista como poeta.

[...] Era, realmente, um poeta talentoso que surgia, mas com uma experiência reduzida das coisas da vida, de modo que seus poemas dessa primeira fase traduzem admirações ou exprimem sentimentos e nostalgias, sem trazer uma interpretação da existência em que se refletisse o espírito do poeta, naquilo que possui de mais íntimo e profundo. (LINS APUD NUNES; 2012: 237).

Álvoro Lins, em sua “crítica metropolitana”, considerava a obra como a melhor estréia daquele ano em matéria de poesia, no entanto, paralelamente fazia críticas construtivas. Segundo ele, a profundidade exigida pela poesia não tinha sido alcançada, pelo simples fato de que suas experiências faltavam à cristalização necessária, e aos seus versos, a habilidade que só é conferida depois de um prolongado convívio com a riqueza interna das palavras. Por outro lado, revela-se a

energia criadora de um poeta que, mais tarde, conseguiria manter uma assombrosa familiaridade com as suas imagens e invenções.

O poeta, nesta coletânea, deixa escapar também, de vez em quando, fragmentos de futuras motivações de sua poética, mas é certo de maneira desajeitada, usando linguagem alheia, pedindo emprestada a facilidade de um lirismo declamatório, que não será sua expressão normal. Isto é, o poeta não conquistara sua linguagem, nem implantara as normas de seu mundo particular à experiência, tanto a da vida, quanto a material do verso. É que há de favorecer-lhe o preciso privilégio de se estabelecer por conta própria no reino da poesia, que não tem porta menos estreita do que a dos céus.

Seu primeiro livro traduz uma visão defeituosa, que expõe como uma realidade um dualismo inconciliável. Mas, as suas sondagens poéticas o conduzem, pouco a pouco, a uma visualidade autêntica da existência, em que Alegria e Tragédia se confundem como as duas faces de um único rosto, e acabam por constituírem a inteireza da fisionomia da vida, a realidade humana total naquilo que há nela de decadência e exaltação, queda e soerguimento, derrota e vitória, morte e salvação.

Ainda em 'Anjo dos Abismos', ele atinge o primeiro tom da inconfundível espiritualidade que fará vibrar em quase todos os seus versos a alma de um poeta Cristão, de um poeta que está imerso no mistério do pecado e do cotidiano, fazendo um louco esforço, não para compreendê-lo, mas para dizê-lo. Entretanto, um largo pressentimento se esboça que é uma guia e um clarão no caminho do poeta, cuja alma está dominada pela exaltação de viver, e que ainda é romântica, lançando-se a criação poética para atender as exigências de seu talento, mas também para atender ao apelo do século, que inclui no seu programa de absoluto amor à natureza e à vida, o convite ao desregramento dos sentidos. Em expressão de sua poesia recebe o mundo com exaltação, onde tenta lhe impor a sua forma e sua figura.

*Ó sim sou eu por sobre os nebulosos,
fantasmas que povoam quatro mundos
imagem perdida e mais tarde encontrada
no ilimitado céu da poesia. (ANJO DOS ABISMOS: 19)*

Ruy se deixa arrastar pela figura abismal que se espalha pela natureza, figura tenebrosa e ao mesmo tempo angélica, o próprio poeta que não sabendo ainda

traduzir a sua visão das coisas, liquida as primeiras experiências poéticas, revestindo-as com a fantasiosa imagem do seu ser agigantado, a tornar-se centro do universo e de tudo enquanto existe. Contudo já pré-escrevia o pressentimento que constituiria sua estrada poética pré-definida, por isso ele anuncia:

*Bem sei que é chegada a hora dessa estranha paz
Que nasce no mistério.
Bem sei que é chegado o momento,
desta aurora capaz e milagrosa... (O CANTO DOS SEPULCROS: 73)*

Tal advertência o incita a procurar as fontes legítimas de sua poesia. Essa busca será demorada e penosa, cheia de angústia e decepções para enfim, degustar da essência das duas faces de um só lado e a criação magnífica da poesia. Depois desta intensa dádiva de vida, surge uma poderosa revelação de um poeta amadurecido que se retrata nas páginas de *A linha Imaginária*; suas habilidades na técnica do verso e na filtragem das experiências variadas que constituem o cerne magnífico de sua poesia. Ruy Barata, com esse livro, inicia o ano literário de 1952. Cronologicamente, o seu pequeno volume situa-se nos últimos dias do ano que passou, mas a importância que ele se reverte, coloca-o no pórtico do que se inicia.

2.3. RUY BARATA NA LITERATURA DIDÁTICA E ACADÊMICA

Não há muitos relatos que informem sobre os importantes papéis do grande poeta, embora apresente extrema importância para o enriquecimento da cultura paraense, no entanto, atingira renomado reconhecimento, prova disso, é o pouco conhecimento que as pessoas têm em relação a sua pessoa e suas obras.

Benedito Nunes, (2012) em sua obra do Marajó ao Arquivo: Breve Panorama da Cultura no Pará, cita os poemas de Ruy Barata, “O Anjo dos Abismos” e a “Linha Imaginária”, destacando-os como os melhores do ano de 1942, em matéria de poesia, classificando-o como um poeta talentoso que surgia, mas com uma experiência reduzida da vida, embora elogiado pela crítica, foi considerado apenas como revelação de um talento, em que a poesia de Ruy Barata procura um nome verdadeiro em Anjo dos Abismos, mas ainda não conseguiu encontrá-lo.

Benedito Nunes afirma que sua alma está dominada pela exaltação de viver, mas que ainda é romântica, lançando-se a criação poética para atender às

exigências de seus talentos, mas também ao apelo do século, incluindo no seu programa de amor à natureza e a vida e o convite do desregramento dos sentidos, não recebendo o mundo com humildade, mas com exaltação, tentando impor-lhe a sua forma e a sua figura, mostrando um egocentrismo, colocando-se como centro de sua poética.

Antonio Lisboa Carvalho de Miranda, Doutor em ciência da comunicação (Universidade de São Paulo, 1987) retrata a poesia de Ruy Barata, algumas em especial com interpretações em Espanhol, dentre outras formas bilíngues. Desta forma, não só contemplando, mas também o exaltando quanto à poesia do renomado poeta é importante, conseqüentemente, isto enfatiza mais ainda a grande influência que o poeta surtiu para o enriquecimento cultural da região Norte e da dissipação das características regionais para as demais localidades.

Outro acadêmico que trata da obra de Ruy Barata como um emérito na poesia, foi Tiago da Fonseca Carneiro (2014), em sua Dissertação de Mestrado, apresentado ao curso de Pós-Graduação em Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, denominada “Mito e Epopéia na Modernidade”, uma leitura de “O Nativo de Câncer de Ruy Barata”, busca analisar critérios, pensamentos, ideias, elementos mitológicos e épicos na composição do poema do grande paraense.

Postulado em mais um artigo, Maria de Fátima do Nascimento, Doutora em Campinas (UNICAMP), professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras (FALE), do Instituto de Libras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), enfatiza em seu artigo Seleção de Poemas de Poetas Paraenses: A Geração Moderna no Pará de 1946), a importância da poesia de poetas regionais na consolidação do período Modernista no Pará.

Cleodir da Conceição Moraes, Doutora em História Social na Faculdade de Uberlândia (UFU), também o cita em seu artigo “Por dentro de seu Quintal: Ainda sobre o Regional e sobre o Regionalismo na Música Popular Brasileira”, ressaltando nesta a sua grande importância não só relacionadas ao seu elenco poético, como também ao seu repertório musical.

Com o objetivo de empreender um diálogo entre o poema o Nativo de Câncer e os Conceitos de Internos e Externos na Obra Literária de Antonio Candido, cuja finalidade é estudar o poema do ponto de vista de uma epopéia moderna, na perspectiva de Charles Baudelaire, a partir dos pensamentos e elementos da

sociedade que misturam a História Amazônica e biográfica do autor, Conceição e Fernandes (2014) procuraram fazer uma relação entre o épico e o lírico no texto poético de Ruy Barata para uma reflexão dos conceitos de externos e internos como meros reflexos da vida do autor.

3. RUY BARATA: A POESIA COMO METODOLOGIA DO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO.

3.1 DESCRIÇÃO DA TEMÁTICA POÉTICA DE RUY BARATA

Em Dissertação de Mestrado, intitulada “Ruy, Paulo e Fafá”: A Identidade Amazônica na Canção Paraense (1976-1980) Edilson Matheus Costa da Silva (2010) apresenta o contexto poético musical das décadas de 70 e 80, durante o processo de integração política e econômica da Amazônia ao Brasil pelo Governo Federal, o qual gerou profundas consequências ao imaginário dos habitantes da região, através da inclusão de difusores da comunicação, tais como Rodovias e Indústrias, principalmente pelo advento da televisão e do rádio indicando os rumos da Política e da Arte paraense.

Silva (2010) analisa Ruy Barata como uma figura que representava a militância política da cidade de Belém, conhecido como “a memória da subversão”, tendo sido detido durante o golpe militar de 1964, quando ficou caracterizada a sua vida e a sua obra como esquerdista. Suas temáticas e suas letras, bem como seus poemas, são carregadas de questões sociais e políticas, que põe essa experiência militante. É importante notar, por outro lado, que aliado a essa postura em sua arte também há uma proposta em tratar de elementos eminentes do Pará. O poeta/letrista é a convivência do Brasil com a Amazônia, do local e do universal. (SILVA, 2010).

O poeta Ruy, sem dúvida alguma, foi um emérito, em seu livro da vida, principalmente relacionado a uma de suas maiores importâncias que foi sua sensacional poesia, a qual se exhibe constante com águas já conhecidas e até desconhecidas, uma verdadeira miscigenação de conteúdos, uma dualidade nunca vista antes, entre alegria e tragédia, o ódio e amor, a carne e o espírito, o místico e o real.

O poeta constituiu seus versos não somente para descrevê-los, mas também com a tentativa de compreendê-los e se fazer presente dentro dos mesmos, com a sua autocapacidade de conciliação com as palavras e o mundo que o cercava, além disso, essencialmente prezou pela soberana Amazônia a qual tanto amou e defendeu enquanto em vida, exaltando suas maravilhosas verdes das matas, o amarelo das águas correntes e a linguagem natural do caboclo, evidenciando assim sua grande paixão pela Amazônia, pela Arte e pela vida de forma geral.

3.2 ANÁLISE DAS POESIAS DE RUY BARATA QUE PODEM SER USADAS NO ENSINO MÉDIO.

Helena

*Da tristeza e da alegria
Somente Helena sabia,
Sabia porque sabia
do bordel à Eucaristia.
Sabia porque sabia
que a noite clareia o dia.
De tantas e tontas coisas
Sabia Helena sabia.
Regando seus muitos sonhos
penteando a maresia
lavando léguas de lodo
no limbo da poesia.
E assim costurava o caos
com a linha da fantasia
a nossa helena dos bares
aquela que mais sabia
que sabendo se lembrava
e lembrando se esquecia.*

Em Helena, poesia subtraída de “Antilogia”, o poeta faz alusão a uma de suas passagens de vida, especialmente a sua vida boêmica, a qual costumava se reunir com seus amigos poetas e músicos. Nesta obra, Ruy traz consigo aquelas que seriam lembranças de uma mulher chamada Helena, uma mulher que apresentava duas faces opostas de uma mesma moeda. Torna-se perceptível esta análise, a partir do quarto verso, quando fala: “Do bordel à Eucaristia”. O poeta retrata a dualidade de uma mulher que ora era cristã, ora era da vida, demonstrando assim, sua dupla personalidade no cotidiano, tanto é que aborda ainda no décimo quinto verso: “A nossa helena dos bares”, acrescentando ainda seu papel como mulher vivida, que pendura na sociedade que tudo sabe, tudo vê,

tudo conhece.

Semântica: Helena de duas faces.

Morfologia: Utilização de substantivos, diferenciando-os pelo uso de Maiúscula.

Sintaxe: Uso do mesmo sujeito (Helena/helena) para a mesma ação (saber) trocadilhos nos complementos do verbo e objetos banais.

Ode

Os dedos contam as ondas,
os minutos talvez
jamaís o anelo.
Podes marcar a face disfarçada,
a barba os bens
todos os sonhos
mas escravos do real só te aceitamos
na tua farda de pêlos
sangue e ossos.
Quando recriarás a trança libertária,
o horizonte do mito,
o Deus negado
a tela do perene e do intocável?
Quando libertarás a página e o relógio,
o ser distante que revel condenas
às arestas da ruga e aos frutos sazonados?
Quando
(deste olhar em diagonal ao espelho e à morte)
farás ruir ao peso de teu gládio
e ao sulco de teu grito
as taças do não ser
o veneno da aurora
as portas do visível,
e do invisível?
Ó jamais seremos sós perante a Fonte
jamais seremos nós e a ti mostramos
o sorriso de "clown" que se reparte
em contorções de esperma
tédio e ódio.
Jamais conservaremos o perfume e a liturgia,
e a hora que se esvai não justifica
este desabrochar em cálice e corola.
Não ser
(embora seja no retrato),
não ter
(para ao flagelo condenar-se)
não sentir o chamar do céu porque beleza
e memória de ausências povoada.
Estamos sós
bem sei
e como é noite
arrancas o teu mundo no arbitrário
e a poesia morde o que não é.
Quem te susteve o braço suicida:
a ode ou o catecismo?
Quem te ligou à sorte deste povo:

o sonho ou a promissória?

*Quem te fez espalmar a mão como inocente
e a cabeça baixar como culpado?
Ó tempo,
ó dimensão do exílio e da orfandade
e se não digo eterno,
quase eterno,
deixai toda esperança
“voi che entratte”.*

Em “Ode”, obra subtraída de “A Linha Imaginária”, é constituída por cinquenta e oito versos representados em uma forma magnífica. Neste poema Ruy faz uma forte crítica à existência de Deus, à santidade e a fé que é propagada e que ainda se propaga por toda a humanidade. Torna-se perceptível esta análise perante todo o seu conjunto poético, verso por verso, em especial no 8º, 9º, 10º e 11º verso.

*Mas escravos do real só te aceitamos
na tua farda de pêlos
o sangue
e ossos*

Destaca-se no pequeno trecho, a sua não fé, não somente a dele, mas também daqueles que não acreditam em Deus, os ditos pagãos, explicitado no verbo aceitar que se encontra no plural. Segundo ele o ser supremo é algo inexistente, pois acredita apenas no que é real, que é verídico, verdadeiro aos olhos do homem, ainda salienta no 46º e 47º verso;

*Quem te susteve o braço suicida
A ode ou o catecismo?*

Nestas ultima citação, o poeta questiona o poder de Deus e o indaga o porquê desta fé insana, o medo da morte, a fé de libertação e salvação ou simplesmente a vida pagã propagada em “Ode”. Sem dúvida alguma, o poeta cria uma tessitura esplêndida na obra, seja na forma organizacional das palavras, seja também sua autocrítica.

Semântica: Deus é negado pelo poeta, mas demonstra dúvida da existência e o chama para explicar o que ele não consegue entender.

Morfologia: Utilização de muitos verbos de ação, mostrando que o ser que se propaga não influi na sua crença, mas já que insiste em ser, que fique.

Sintaxe: A utilização de sujeitos ocultos, a maioria na segunda pessoa (tu) questionando as ações em que ele (Deus negado) quer se fazer presente com os verbos no futuro.

Pauapixuna

*Uma cantiga de amor se mexendo,
uma tapuia no porto a cantar,
um pedacinho de lua nascendo
uma cachaça de papo pru ar.
Um não sei que de saudade doendo,
uma saudade sem tempo ou lugar,
uma saudade querendo, querendo,
querendo ir e querendo ficar.*

*Uma leira, uma esteira,
uma beira de rio,
um cavalo no pasto,
uma égua no cio,
um princípio, de noite,
um caminho vazio,
uma leira, uma esteira,
uma beira de rio.
E no silêncio uma folha caída,
uma batida de remo a passar,
um candeeiro de manga comprida,
um cheiro bom de peixada no ar.
Uma pimenta no prato espremida,
outra lambada depois do jantar,
uma viola de corda curtida,
nesta sofrida sofrência de amar
E o vento espalhado na capoeira,
a lua na cuia do bamburral,
a vaca mugindo lá na porteira,
e o macho fungando lá no curral.
O tempo tem tempo de tempo ser,
o tempo tem tempo de tempo dar,
ao tempo da noite que vai correr,
o tempo do dia que vai chegar.*

Em “Pauapixuna”, obra subtraída de “Paranatinga”, é constituída por quarenta e oito versos representados em uma forma musical. Neste poema o renomado poeta cita um pouco da saudade de sua infância vivida, visto que Pauapixuna é uma costa próxima a Óbidos, sua cidade natal.

*Um não sei que de saudade doendo,
uma saudade sem tempo ou lugar,
uma saudade querendo, querendo,
querendo ir e querendo ficar*

Na segunda estrofe de seu poema deixou clara a imensa saudade que

sentia daquele recinto, tanto é que não define ao certo aonde essa saudade o levará, concomitantemente procurando transcrevê-la de alguma forma. O poeta não apenas demonstra seus singelos sentimentos, como também engrandece os verdes e a cultura daquele povo.

*E no silêncio uma folha caída,
uma batida de remo a passar,
um candeeiro de manga comprida,
um cheiro bom de peixada no ar.*

*Uma pimenta no prato espremida,
outra lambada depois do jantar,
uma viola de corda curtida,
nesta sofrida sofrência de amar*

Ao quarto e quinto parágrafo, relata a forma simples e corriqueira do ribeirinho, sua rotina diária e simples de viver. A vida de um pescador que sai em busca do alimento em seu transporte, que nada mais é que uma canoa, sua fonte de trabalho, e seus prazeres da vida como uma bela refeição e uma melodia para relaxar.

Semântica: Utilização de muitos substantivos comuns e verbos no gerúndio, dando a ideia de ação continuada e presente, envolvendo elementos da natureza.

Morfologia: Substantivos comuns e verbos continuados marcando a influencia da natureza na sua sensibilidade, mostrando que o presente está determinando o seu sonho, a fantasia, a magia, a musicalidade e a imaginação.

Sintaxe: Os nomes comuns utilizados nos poemas mostram-se ora como sujeitos, ora como objetos das ações continuadas.

3.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES SOBRE RUY BARATA

3.3.1 Identificação dos Entrevistados

Foram entrevistados seis professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio e Fundamental, os quais consentiram em responder ao questionário, os quais atuam nas escolas M^a das Graças de Escórcio Cerqueira, Antonio Gonzaga Barros, M^a do Socorro Jacob, Padre José de Anchieta, Isaac Newton e Horizonte.

Foram feitas seis perguntas abertas aos professores, com a finalidade de verificar se conhecem sobre a vida e obra do poeta paraense Ruy Barata.

Participaram da pesquisa 06 professores da área de Letras, sendo dois do Ensino Fundamental e quatro do Ensino Médio.

Questionou-se: O que você sabe sobre Ruy Barata?

E1: Ruy Barata nasceu em Santarém, foi poeta, jornalista, advogado, cartorário, professor e político.

E2: Confesso não conhecê-lo tão profundamente quanto deveria, por se tratar de poeta paraense; mas já ouvi e li sobre ele.

E3: Nasceu em Santarém, poeta, advogado, político, entre outras funções. Ruy Barata na Literatura encantou em seu lendário poético com lindas canções e poemas de exaltação a bela Amazônia, bem como críticas ao cenário político.

E4: Poeta Paraense, natural de Santarém, que, como poucos, expressou em sua poemática o grande e belo mosaico da cultura do povo amazônida.

E5: Foi um poeta, professor, político e Literário Paraense.

E6: Foi um Grande escritor, político e músico.

De acordo com as respostas dos entrevistados, percebe-se que demonstram conhecer relativamente o poeta e algumas manifestações artísticas e literárias, bem como sua participação política em diversos momentos da história do Brasil, principalmente do período da Ditadura e em diversas situações sociais da história da Amazônia. Esperava-se que, por ser um poeta paraense fosse mais conhecido pelos professores, principalmente dos de Língua Portuguesa e Literatura.

Foi solicitado aos entrevistados para citar duas poesias que Ruy Barata deixou.

E1: Poema da Amada Esquecida e Me Atrai Uma Cuba Livre.

E2: Canção dos Quarenta Anos.

E3: Primeiro de Maio e Homenagem a Leon Boy

E4: Anjo dos Abismos e Lá Fora Está o Amor que Nos Espera.

E5: Violão de rua e Anjo dos Abismos.

E6: Anjo dos Abismos e Primeiro de Maio.

Dos seis entrevistados, apenas um não soube citar duas obras do poeta,

sendo que os poemas mais citados foram: “Anjo dos Abismos” e “Primeiro de Maio”, o que indica serem os mais conhecidos do ramo Literário.

Pediu-se para que indicassem o nome de alguma música de Ruy Barata.

E1: Foi Assim e Esse rio é minha rua

E2: Esse Rio é minha Rua

E3: “Foi assim é a que mais amo” Pauapixuna que é um clássico Paraense que retrata Alguns Símbolos paraenses como a “tapuia” referida na música.

E4: Foi assim (Paulo André e Ruy Barata), Esse Rio é minha Rua (Paulo André e Ruy Barata).

E5: Este rio é minha rua e Foi Assim, músicas em parceria com seu filho Paulo André Barata.

E6: Foi Assim, O nativo, “SE”.

Pelas respostas dos entrevistados, verifica-se que as músicas Foi Assim e Esse rio é minha rua de Ruy Barata e seu filho Paulo André são as mais conhecidas, especialmente porque tratam da vida do autor e retrata o contexto do rio Amazonas.

Perguntou-se o que sabem sobre a participação de Ruy Barata na Política, na Literatura e no ramo do direito?

E1: Ruy Barata foi Deputado estadual, em 64 foi preso no golpe militar. Ele também foi titular da cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Artes, também durante a ditadura trabalhou na advocacia.

E2: Desempenhou no cenário paraense compromettimentos não só com as profissões de advogado, jornalista e professor, como também na política, deixando seu legado.

E3: Bem. Ruy Barata Foi advogado, Na literatura, estimado poeta paraense na qual deixou um legado poético inquestionável. Já no cenário político, foi deputado Estadual, se não me engano pelo Partido Social Progressista.

E4: Ruy Barata foi um homem engajado não só em produzir belos poemas exaltando e mostrando a realidade amazônica, envolvido no processo político foi Deputado Estadual por duas legislaturas, atuou como advogado, cartorário e Jornalístico, foi ainda professor titular da academia de Literatura Brasileira da UFPA. Foi perseguido e preso no regime militar.

E5: Foi Deputado Estadual por duas legislaturas pelo Partido Social Progressista (PSP), sempre defendeu a Amazônia e suas belezas naturais, foi ainda professor de Literatura e grande poeta paraense. Formou-se em advocacia, mas exerceu sua função posteriormente.

E6: Destacou-se na política como Deputado Estadual pelo (PSP) por duas legislaturas, na Literatura foi professor titular da academia de Letras, já no ramo de direito, formou-se em 1943, no entanto só passou a atuar após o falecimento de seu pai.

Todos os entrevistados demonstraram conhecer a respeito da influência da Política e do Direito na Literatura defendida por Ruy Barata, pois responderam situando sua participação ativa no Partido Político de esquerda e utilizava conhecimento jurídico para justificar a sua rebeldia na Literatura, que embora modernista, revelava seus traços românticos em suas poesias e composições, além de demonstrar características do Classicismo em suas produções.

Solicitou-se que citassem uma obra do poeta Ruy Barata que trata da Amazônia.

E1: O nativo de Câncer.

E2: Sinceramente não lembro o nome da obra, embora tenha lido sobre o poeta paraense.

E3: "A Linha Imaginária", que trata da Amazônia como o limiar dos sonhos de seus ribeirinhos.

E4: Este Rio é Minha Rua.

E5: O nativo de Câncer e o Violão de Rua.

E6: Este Rio é Minha Rua.

De acordo com as respostas dos entrevistados, constata-se que só uma pessoa não demonstrou conhecer as obras do poeta, entretanto, afirma que leu, mas não se lembra. Todavia, as demais respostas indicam que os poemas que retratam a Amazônia e a influência que o rio tem nas produções artísticas do poeta.

Questionou-se: Quais às possibilidades de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura com as obras poéticas de Ruy Barata?

E1: Leitura, Interpretação dos poemas, debates e reflexões dos alunos em relação à Linguagem dos textos literários.

E2: O ensino de Língua Portuguesa utilizando as obras do autor que são muitas, sobretudo, primando por uma abordagem de produções Literárias regionais, visando o texto como instrumento para leitura e escrita.

E3: Além da Literariedade vigente em versos e prosa, Ruy Barata dissemina através de figuras de Linguagem um amplo estudo em relação à semântica e a pragmática, bem como a formação de palavras, por conta de alguns neologismos natos em seus poemas.

E4: É uma questão necessária. O currículo ao menos do ensino médio deveria inserir a Literatura Paraense para assim se trabalhar a legítima Linguagem do povo da Amazônia.

E5: As possibilidades de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura são diversas, pois as temáticas utilizadas por Ruy Barata são múltiplas, que vão desde o dia a dia do caboclo Amazônida até os problemas sociais que atingem o nosso cotidiano.

E6: Todas as possibilidades possíveis, isto porque suas obras possuem valores inigualáveis e necessariamente precisam ser anexadas aos currículos escolares.

Em relação às possibilidades de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, baseado nas obras de Ruy Barata, os entrevistados consideram muitas e necessárias a serem exploradas nas aulas em todas as escolas, principalmente no Pará, inclusive de serem introduzidas no currículo.

3.4 PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO NAS ESCOLAS DE ITAITUBA, UTILIZANDO AS POESIAS DE RUY BARATA.

3.4.1 Apresentação da Proposta

Este trabalho se constitui em um material de apoio didático destinado aos professores que atuam na área de Língua Portuguesa e Literatura, com objetivo principal de criar condições para desenvolver a competência comunicativa do usuário da linguagem, no nível de qualidade cada vez mais exigida pela sociedade contemporânea.

O conteúdo sugerido nesta proposta é a poesia paraense de Ruy Barata como Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio nas Escolas de Itaituba, sendo subdividido em três tópicos que servirão para reduzir uma série de dúvidas e questionamentos referentes ao ensino-aprendizagem de poesias no Ensino Médio.

A partir destes poemas, propomos um conjunto de sugestões que buscam levar o usuário a refletir sobre o funcionamento da modalidade oral e escrita neste gênero específico. É provável que a prática de análise linguística dê ao estudante muito mais consciência dos mecanismos da linguagem envolvida na produção de um poema, e desta forma possibilitar que os alunos aprendam a interpretar e escrever uma poesia, brincando com a língua, além de se fazerem conhecedores da importância do grande acervo literário e cultural da própria região.

Buscamos acompanhar a tendência atual para o Ensino de Língua Materna, especificamente a que se refere à produção de texto para a vida cotidiana, e não só para a tarefa escolar, visando ainda, o pleno desenvolvimento do educando de forma construtiva, já que ele será o autor de sua própria história, por isso torna-se necessário desenvolver a habilidade de raciocínio e não somente a capacidade de

memorização dos aprendizes.

A ideia central deste trabalho é aproveitar todos os conhecimentos da Língua Portuguesa na modalidade oral e escrita, já adquiridos pelos estudantes em suas interações sociais e transformá-los, mais ou menos intuitivamente, em estratégias linguísticas que os ajudem a construir efeitos de sentido mais eficazes em suas criações.

A partir desse conhecimento prévio, sugere-se, portanto, a poesia de Ruy Barata, que envolve em suas temáticas os mais variados temas como: a Amazônia, seu sentimentalismo, o surreal, o sobrenatural, a vida boêmica, o misticismo, a linguagem do caboclo, dentre outros, que englobam não só temas regionais, como também nacionais.

3.4.2 Objetivos

Geral: Proporcionar ao educando a habilidade particular na produção dos gêneros textuais em estudo: o musical e o literário, possibilitando assim seu pleno desenvolvimento, não só como interlocutor passivo dos conhecimentos passados, mas também como protagonista central da narrativa.

Específicos

- 1) Conhecer as poesias de Ruy Guilherme Paranatinga Barata num ponto de vista político, social, cultural e particular.
- 2) Analisar as obras em estudos e suas temáticas.
- 3) Assemelhar e diferenciar as poesias de Ruy Barata com outros autores paraenses.
- 4) Identificar características de estilos literários em suas obras.
- 5) Aplicar sugestões metodológicas de Ensino de Literatura.
- 6) Promover saraus com declamações da Produção Poética de Ruy Barata e recriação por parte dos alunos.

3.4.3 Conteúdos

Para a execução deste trabalho foram utilizados três grandes obras do

poeta paraense: “Anjo dos Abismos”, “A Linha Imaginária”, e o “Nativo de Câncer”, títulos de suas obras e também temas das poesias em estudo. Cabe ressaltar que foram, não só criados, como também publicados em tempos diferenciados, na medida em que foram feitas no decorrer da vida do poeta. Cada obra em esboço apresenta suas características peculiaridades individuais, movidas por um grande convívio com um mundo diverso, repleto de conflitos sociais, políticos, culturais e econômicos dados a determinadas situações da época vivida.

A princípio iniciamos com sua primeira obra, feita ainda na flor da idade, “Anjo dos Abismos”, uma coletânea composta por 24 poemas publicados em 1943, pela Livraria José Olympio Editora, dedicado exclusivamente a seu pai Alarico de Barros e a seu grande amigo Francisco Paulo Mendes.

Anjo dos abismos

*Quero chegar diante de ti
 Não como o vulto familiar que doura o teu sossego,
 Não como a imagem do sonho
 que perde na bruma,
 mas, como fantasma dentro de ti mesmo.
 Quero chegar diante de ti,
 E olharas minha longa cabeleira,
 Minhas faces esvoaçantes,
 Meus olhos incolores
 E adivinharas que achesse
 Os limites do eterno.
 Ó esta noite todas as luzes estarão veladas pelo sono,
 Todos os silêncios serão devorados
 Pela eternidade,
 Todos as chagas ressurgirão das dores,
 Todos os olhos estarão desmesuradamente abertos
 Mas, não poderemos sentir
 A sua presença
 Porque então passamos à pátria das essências.
 Esta noite chegarei diante de ti,
 Nossas almas se confundirão na grande viagem,
 Nossos olhos se alongarão ao paraíso dos símbolos
 Onde nasce o grande mar das almas moribundas.
 Chegarei sobre a tranquilidade dos teus cânticos
 E ti assombraras com este vulto notívago de morto
 Que se suspende milagrosamente além dos tempos
 Que se conduz as asas multicores
 No derradeiro vôo das espécies.
 Ô sim sou eu por sobre as nebulosas,
 Fantasmas que povoam quatro mundos,
 Imagem perdida e mais tarde encontrada
 No limitado céu da poesia.*

Outro se não menos importante foi “A Linha Imaginária”, publicado em 1951, pela Edição Norte, coletânea esta, composta por vinte poemas, agora com uma

linguagem mais aberta, livre e espontânea, deixando uma porta entreaberta para explicações inexplicáveis deste vago meio dos rogados exaltando a natureza.

A Linha Imaginária.

*Vida suplementar,
Tão próxima de ti,
Tão evidente,
Nas dobras deste enigma sereno.*

*Um pensamento só, volta a infância,
Um desejo qualquer, basta esperança,
E reflorescem em dádivas e gestos.*

*Este braço de mar é teu, - podes guardá-lo,
Esta paz,
Este azul,
Este piano,
Esta nesga de céu que o vento espalha.*

*Tudo tão próximo de ti,
Tão ligado ao teu cotidiano,
Ao teu suor diurno,
Às tuas palavras que emprestas
Uma outra significação.*

*Só agora percebes
A tua absurda neutralidade
Diante deste fim de tarde,
Deste sino que é a tua primeira
E única
Memória musical,
Desta noite,
Caindo leve
Sobre a tua cidade.*

*Só agora buscas o espelho
Que procuravas evitar,
Só agora tentas estabelecer
Todos os elos que ainda justificam tua mísera existência, reconstruir todos os fatos,
- mesmo os não evidentes –
O Fiat,
A paixão,
Os elementos,
O riso do amigo mais amado.*

*Só agora te permites a inutilidade
Deste gesto fraterno;
Só agora ousa confessar
a saudade
que a tanto tempo agasalhaste na sombra,
- de ti mesmo,
- dos teus brinquedos favoritos,
-da mansa voz
Do teu primeiro amor.*

*Só agora te serves desta aurora,
Tão próxima de ti,
Tão evidente,
Nas dobras deste enigma sereno.*

E por último, “O Auto Retrato”, com uma temática voltada para a consciência do amadurecimento e percepção da velhice, tratando da morte e da reflexão diante do espelho, desde a barba, a calvície, o homem maduro, o patriarca e a navalha que diminui a timidez e o palavrão que salva o mundo.

Auto-Retrato

*Entre a espuma e a navalha sou legenda.
O espelho neutraliza o ângulo da morte,
a barba estrangulou a metafísica
e o problema do mal é bem remoto.
Aqui sim.
Aqui resistirei à mímica,
ao dicionário e ao laboratório.
(a herança do punhal brilha de novo
o fantasma de Abel não me intimida)
Vejo a testa crescer
entre espirais de fumo,
o olhar que não vacila
da ruga à pré-história
e o peito rasgado
pela fúria do poema.
Aqui sim,
aqui iniciarei a espécie nova,
aqui derrotarei o homem-harpa
e pronto estou para a descoberta do sexo.
O pincel dá-me o poder do patriarca,
a navalha reduz a timidez e o medo,
o palavrão rola na boca e salva o mundo.*

3.4.5 Estratégias de ensino

Após apresentar algumas poesias de Ruy Barata o professor deve aplicar alguns exercícios de aprendizagem para reforçar o conhecimento sobre o tema.

Exercícios

- 1) Numere a segunda coluna pela primeira para caracterizar as obras de Ruy Barata.

- | | |
|--------------------------|------------------------------|
| (1) Helena | () Deus negado |
| (2) Anjo dos Abismos | () Consciência da velhice |
| (3) A Linha Imaginária | () Vida suplementar |

- | | |
|--------------------|-----------------------------|
| (4) Ode | () Elementos da natureza |
| (5) Pauapixuna | () Mulher de dupla face |
| (6) Auto Retrato | () Alma Moribunda |

2) Marque a alternativa que correspondem às temáticas das poesias de Ruy Barata.

- A) Amor, Saudade, Paixão.
- B) Místico, Sobrenatural, Surreal.
- C) Tristeza, Morte, Infância.
- D) Comodismo, Melancolia, Enfermos.
- E) Catecismo, Religião, Esportes.

3) Quais as obras de Ruy que tratam da Amazônia?

3.4.6 AVALIAÇÃO

A avaliação se deve ser feita através de atividades em grupos e individuais, contando com testes relacionados à obra de Ruy Barata, participação e articulação dos mesmos em sala de aula.

1) Quais as obras que tratam de sua carreira política?

2) Marque (V) para verdadeiro e (F) para falso nas alternativas abaixo:

- () O poeta paraense expressava em suas poesias, somente sua grande decepção pela vida.
- () Foi preso por suas fortes críticas ao chamado Baratismo da época.
- () Foi professor de Língua Portuguesa no Rio de Janeiro, enquanto estudava a passagem de Mario de Andrade pela Amazônia.
- () Sua segunda obra “A Linha Imaginária”, publicada em 1951, pregava uma linguagem obscura, voltada ao mítico, ao pecado do mundo.
- () Fez parte do grupo “Os Boêmios da Campina”, juntamente com Dalcídio Jurandir e Benedito Nunes.
- () Destacou-se por sua grande diversidade poética relacionadas a natureza, a vida, a política e sociedade.
- () Era ateu e pregava o comunismo como meio de estabilização social.
- () Segundo ele a letra poética se diferencia da musical, em vista de uma maior expressão de saberes e experiências.

() Tornou-se nacionalmente conhecido por sua primeira obra Anjo dos Abismos, marcadas por uma linguagem extremamente Política e inovadora.

() Conciliou uma total familiaridade com suas palavras com mundo marcado por suas transformações que o incutia na época.

- 3) Elabore um pequeno texto sobre a vida de Ruy Barata, destacando seu papel enquanto músico e poeta durante sua trajetória de vida.

- 4) Na sua opinião, qual foi a importância de Ruy Barata na Literatura Brasileira e na Literatura paraense?

CONCLUSÃO.

O presente trabalho, sem dúvida alguma, serviu para ampliar informações e ainda mais aprimorar as ações metodológicas a serem inseridas no contexto curricular do Ensino Médio, uma vez que irá ampliar o desempenho literário dos discentes, inspirando-os à busca incessante por conhecimento.

A Literatura Paraense de Ruy Barata vem contribuir como enriquecimento da cultura local, não só através da poética e musicalidade a qual tanto se destacou, mas também no ramo político e social que serviu como ícone a transmitir suas ideias, pensamentos, críticas e seu mais puro cerce. Sua serenidade com as palavras o fez um verdadeiro defensor deste país que se chama Pará, sempre tentando impor sua face apaixonada pela soberana Amazônia, pelos rios, pela linguagem do caboclo, e tudo que condiz com o veredicto amazonense e sua liberdade de expressão.

Atualmente, precisamente nos últimos anos, tornou-se notável que o Ensino de Literatura no Ensino Médio não o utiliza como referência didática os autores e obras paraenses, e isto se verifica não somente a partir de uma leitura dos livros didáticos do Ensino Médio, mas também na obra “Literatura e Ensino Médio, acervos, gêneros, praticas”, de Aparecida Paiva, Jukeira de Sousa e Hercules Toledo Correia. Nesta mesma obra, de acordo com o (PNBE) Programa Nacional de Biblioteca Escolar, tornou-se evidente através dos livros selecionados pelos autores que; não há incertezas quanto a não inserção de obras literárias de autores regionais, isto porque, constatou-se o grande acervo de obras de escritores diversos, bem como Fernando Pessoa, Mario Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Ferreira Gullar, João Cabral de Mello Neto dentre vários outros presentes nos livros didáticos selecionados para análise.

Comprova-se então o não cumprimento das Diretrizes do Sistema Curricular de Ensino por não incluir Obras Literárias Regionais, no contexto social, de acordo com suas particularidades, contrapondo o que está previsto no artigo 26 da (LDB). O referido artigo em vigor estabelece a partir da nova Organização Curricular proclamada na Lei 93/94/96, a incrementação da parte Diversificada no Currículo Escolar, isto é, destina-se a atender as características regionais e locais da Sociedade, da Cultura, da Economia e da clientela, fato este que não acontece. Comprova-se mais ainda o fato de que os próprios docentes não se fazem

conhecedores desta problemática, assim também como apenas seguem o que está constituído nos livros didáticos escolares.

Certamente, objetivou-se através desta proposta de trabalho, fazer com que as Escolas de Itaituba cumpram o seu papel obedecendo aos critérios estabelecidos nos PCN da Lei vigente. Desta forma, propiciando não somente ao discente, mas também a todo o corpo docente um aprendizado construtivista da Literatura do Pará, assim como o devido reconhecimento do grande acervo Patrimonial e Cultural que a região paraense possui.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Djalмира de Sá. **História do Município de Itaituba: Importância Econômica e Geopolítica na Amazônia Legal, na Mesorregião do Tapajós e no Estado do Pará.** Editora CRV, Curitiba, 2014.

BARATA, Ruy Guilherme. **Anjo dos Abismos.** José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1943.

BARATA, Ruy Paranatinga. **Antilogia.** Belém: RGB Editora, SECULT, 2000, p. 57-60.

BARATA, Ruy Paranatinga. **Helena.** In. Antilogia. Belém: RGB Editora, SECULT, 2000, p. 49.

BARATA, Ruy Paranatinga. **Ode.** In. A Linha Imaginária: Belém: Edições Norte, 1951.

BRASIL - CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** Brasília, 1998.

BRASIL - PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MEDIO – Língua Portuguesa e Literatura. Brasília – DF, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** Ed. 9. Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2006.

CARNEIRO, Tiago da Fonseca. **Mito e Epopéia na Modernidade:** uma leitura de O Nativo de Câncer, de Ruy Barata. Dissertação de mestrado apresentado ao curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará.

CEREJA, Jacinto de Prado. **Como Ensinar Literatura.** In Ao contrário de Penélope. Lisboa: Livraria Bertrand, 1976.

FERNANDES, José Guilherme. **“Interno e Externo no “Nativo de Câncer” de Ruy Barata.**

NUNES, Benedito. Apresentação. In: **Antilogia.** Barata Ruy. Belém: RGB Editora, Secult, 2000.

NUNES, Benedito. **Do Marajó ao Arquivo: Breve Panorama da Cultura no Pará.** Belém: Editora UFPA, SECULT, 2012.

MOEHLECKE, Sabrina. **O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações.** Universidade do Rio de Janeiro. v. 17 n. 49 jan.-abr. 2012

OLIVEIRA, Alfredo. **Paranatinga.** Cultural, CEJUP, Belém- Pará, 1990.

PARAÍBA, Secretária de Estado da Educação e Cultura Coordenadora do Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/ Girleide Medeiros de Almeida Medeiros (Coordenação Geral), volume 1. João Pessoa (s.v), 2006. V

SILVA, Edilson Mateus Costa da. **Ruy, Paulo e Fafá: A Identidade Amazônica na Canção Paraense (1976 – 1980).** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, sob orientação do Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa (FAHIS/UFPa), para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia.

SILVA, Jackeline da, Anne Santos. **O Estudo da Literatura no Ensino Médio.** Tese apresentada ao curso de Libras. Da Universidade Federal de Paraíba. 2013.

ANEXOS



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIOR DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

1. O que você sabe sobre Ruy Barata?

2. Cite duas poesias que Ruy Barata deixou.

3. Indique o nome de alguma música de Ruy Barata.

4. O que você sabe sobre a participação de Ruy Barata na política, na literatura e no ramo do direito?

5. Cite uma obra do poeta Ruy Barata que trata da Amazônia.

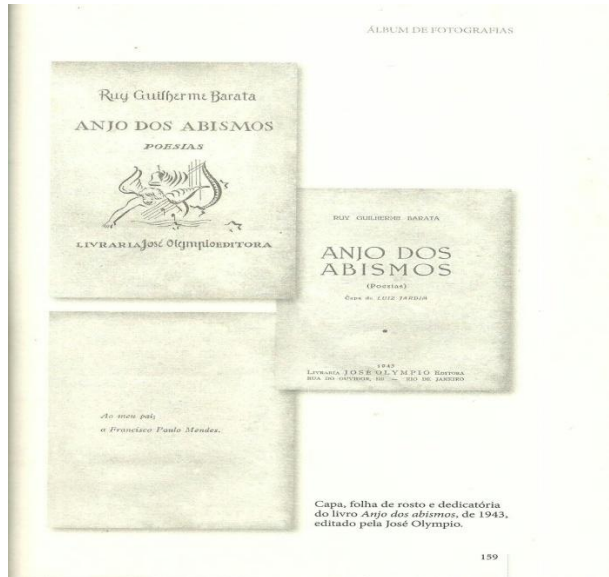
6. Quais às possibilidades de ensino de Língua Portuguesa e Literatura com as obras poéticas de Ruy Barata?

ANEXO II

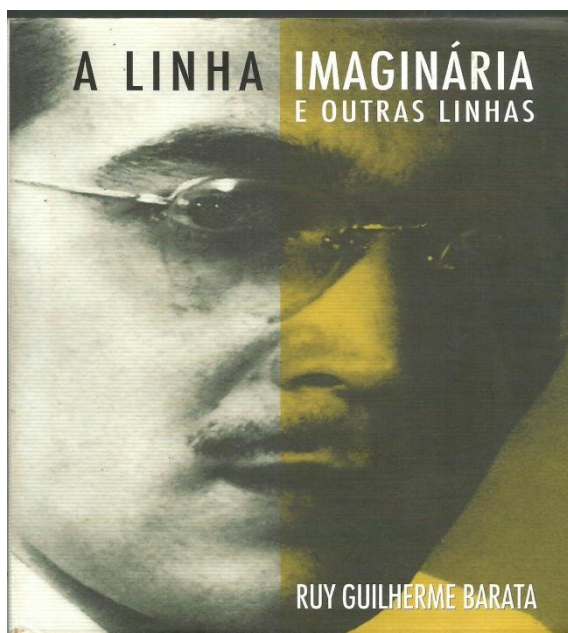
Capa dos livros que tratam de Ruy Barata.



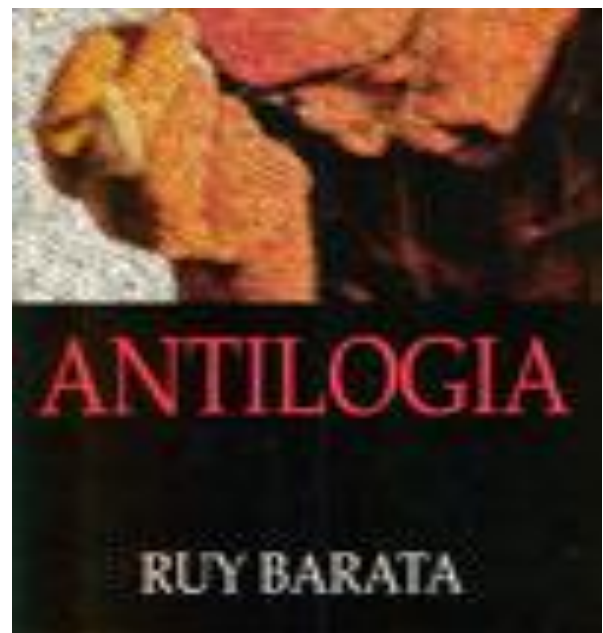
Paranatinga



Anjo dos Abismos



A Linha Imaginária e Outras Linhas



Antilogia

ANEXO III

